Chá com Feitiços e Rosas

Guia de Magia do Caos e Filosofia Oculta

Wanju Duli

2017

Sumário

Prefácio.....5
Introdução.....6
Capítulo 1: Café, Magia e Flores.....13
Capítulo 2: O que é magia?.....28
Capítulo 3: Magia de Abramelin e Cabala.....45
Capítulo 4: Meditação e Perdão.....56
Capítulo 5: Teoria do Caos.....73
Capítulo 6: Alimentação, sono e saúde.....81
Capítulo 7: Política, religião e preconceitos.....86
Capítulo 8: Ferramentas e Paradigmas.....89
Capítulo 9: Feitiço do Chá com Bolo.....94

Prefácio

Tive a ideia do título pois todos os encontros de magia do caos da autora foram em confeitarias. O meu título original era "Chá, bolo e alguma coisa que não lembro agora". Mas a Wanju, com suas incríveis capacidades, conseguiu melhorar o título. Fico honrado de estar ditando esse prefácio pra ela e de receber lindas sugestões sobre o que eu posso ou não dizer.

No momento estou jogando enquanto ela escreve e penso que vai continuar assim por mais alguns dias. Então curtam esse livro cheio de suor e trabalho duro. Aguardo para a hora em que serei solicitado a fazer a capa.

Eu provavelmente não lerei essas páginas, mas aproveitem que tenho certeza que está bom.



Luiggi Ligocky, deitado na cama jogando Mario+Rabbids

Introdução

A ideia de escrever esse livro começou uma hora atrás, quando eu estava sem fazer nada e decidi: "Acho que hoje vou escrever algo sobre magia do caos". Eu e o Luiggi debatemos por alguns minutos sugestões de títulos.

Inicialmente pensei em "Manual para o caoísta aspirante", mas não exatamente isso. Depois me veio "Guia para o Magista de Poltrona", para fazer troça de pessoas que dizem que os magistas devem praticar mais e não ler tanto. Mais adiante falarei mais disso e aproveitarei a ideia.

Lembrei de um livro da Sarah J. Maas chamado "Corte de Espinhos e Rosas" que li em maio. Eu só comprei esse livro porque gostei do título e da capa. É verdade que existem livros excelentes de magia do caos com capas que te fazem erguer uma sobrancelha, mas o design realmente faz diferença.

Eu mesma nem sempre escolho ou desenho imagens boas para minhas capas, então geralmente torço para que o conteúdo do livro compense. Na minha escolha de títulos eu também não costumo dedicar mais do que meia hora. A maior parte dos meus livros de magia do caos eu escrevi em um ou dois dias, então eu penso: "Se esse ficar ruim, depois faço um melhor".

Esse é simplesmente meu estilo de fazer as coisas. Cada um tem seu jeito. Respeito completamente quem opta por dedicar meses ou anos para concluir um livro. Isso é necessário principalmente se o autor opta por realizar uma extensa pesquisa ou deseja revisar tudo várias vezes.

Nós vivemos na era da internet, na qual estamos acostumados a compartilhar textos curtos e rápidos, repletos de imagens. Nós provavelmente respeitamos demais a entidade chamada "livro".

Queremos que um livro não contenha erros de português ou erros em geral.

Eu reconheço que muita gente também é perfeccionista em relação a blogs. Eu também adoro ler postagens de blogs caprichadas e não elaboradas em cinco minutos como as que eu escrevo.

"Qualidade é mais importante que quantidade" as pessoas dizem. Esse é um pensamento interessante. Mas também não podemos esquecer que a quantidade pode ter o seu valor.

Quando eu opto por não escrever livros com tanto capricho ou não ler livros com a máxima atenção, consigo ler e escrever um número muito maior de livros. No ano passado, quando anunciei que havia lido quase 300 livros e escrito talvez em torno de uns dez, alguns devem ter pensado: "Grande coisa! Vale muito mais a pena ler e reler o Liber Null com atenção, fazendo anotações e estudos cuidadosos, do que ler qualquer coisa que acho por aí e esquecer depois".

Eu não tiro a razão dessas pessoas. Costumo esquecer bem rápido várias coisas que leio e para remediar isso passei a fazer resenhas de praticamente todos os livros que eu lia. Minhas "resenhas" tampouco são bem-feitas, já que costumam ser um amontoado de anotações de passagens da obra que eu curti e uns comentários breves a respeito.

Às vezes nós nos apegamos a velhos clichês e dizeres populares, considerando-os como sabedoria absoluta. Coisas como "Qualidade é melhor do que quantidade" e "A prática é mais importante do que teoria" podem ter seu fundo de verdade, mas não necessariamente devemos transformar um elemento em Deus e outro no diabo, num tipo de maniqueísmo antagônico, numa disputa de forças que não precisam brigar, mas sim se aliar e se complementar.

Para mim, essas ideias possuem uma conexão forte com magia do caos, que nos convida a testar novos paradigmas, visões de mundo e modo de fazer as coisas.

A questão é descobrir nosso estilo e nossa identidade. Será que eu me identifico mais trabalhando com o tarot ou com as runas? Será que eu prefiro desenhar um tarot ou inventar um oráculo completamente diferente? Será que eu gosto de ficar sentada uma hora em posição de lótus ou prefiro alterar meu estado de consciência dançando?

Uma coisa não exclui a outra, mas sabemos que nessa existência temos tempo limitado e é preciso fazer escolhas. Pode ser que eu opte por trabalhar com apenas um oráculo e ir a fundo nele. Ou vou escolher trabalhar com cinco oráculos ao mesmo tempo, mas não dedicar tanto tempo para cada.

Está bem, quero usar cinco oráculos e dedicar um tempo enorme para cada. Talvez eu deva diminuir meu ritmo de leituras para isso ou sacrificar outra coisa. Ou eu vou fazer um pacto com Fotamecus para conseguir fazer mil e uma coisas no meu dia.

Até que ponto "Nada é verdadeiro, tudo é permitido"?

Muitos perguntam: "O que é magia do caos?". Então eu tento explicar. Falo sobre o conceito de "paradigmas" de Thomas Kuhn, sobre a teoria do caos, magia pós-moderna, etc.

Até que me dizem: "Interessante, mas o que exatamente você quer dizer com 'magia'?". Não faz sentido falar de arte pós-moderna se você ainda não definiu o que é arte e não sabe muito sobre a arte realizada nos séculos anteriores.

A magia do caos veio como reação ao estilo anterior de fazer magia. Mas o que era o estilo anterior? Crowley? O pessoal da Golden Dawn? A magia renascentista? Espere, mas eles já faziam magia na Idade Média, certo? Há vários grimórios famosos escritos nessa época. E existiam várias outras religiões e sistemas mágicos mesmo antes da Idade Média, certo?

Então precisamos voltar no tempo. Até quando? Pré-história? Não sei ao certo. Tudo que sei é que é importante estudar história para entender como chegamos até aqui.

Mas não existe somente uma história e sim várias versões da mesma história frequentemente contada por pessoas que não eram vivas no momento em que os eventos aconteceram. Não sabemos até que ponto é verídica a história que nos ensinam no colégio. Não há como saber. Precisamos apenas ter fé de que certos fatos históricos não foram enfatizados, alterados ou deixados para trás devido a interesses sociais, econômicos, políticos ou de diversas naturezas. Como sabemos, é claro que isso nunca acontece...

No meu livro "O Caos dos Iluminados" eu escrevi uma breve história da magia do caos. Posteriormente me dei conta de que aquilo só pode ser plenamente entendido se estudarmos antes a história da magia em geral (Carroll fala disso em "Epoch").

E o que precisamos para entender a história da magia? Conhecer, por exemplo, história da religião pode ter seu valor, já que a magia sempre manteve estreita relação com o fenômeno religioso, embora ela tenha adquirido uma identidade própria.

No meu livro anterior, "A Noite Escura do Caos" falei um pouco sobre conceitos místicos do cristianismo. Acredito ser importante saber um pouco de cristianismo, a religião que dominou o mundo ocidental por mais de mil anos e em volta da qual praticamente todo o resto se construiu.

Como é que você vai contestar a magia tradicional através da magia do caos se você nem sabe contra o que está contestando? Muita gente abraça o ocultismo porque não está satisfeito com as religiões mais tradicionais, como o cristianismo. Mas muitas pessoas com quem converso a esse respeito parecem ter uma compreensão muito superficial sobre o que é cristianismo. Elas o acusam de ter preconceitos, mas elas mesmas possuem preconceitos em relação a essa religião.

Elas podem dizer, por exemplo: "Os cristãos possuem preconceito contra mulheres e gays" então eu respondo: "Sabia que os anglicanos possuem padres mulheres e celebram casamentos gays em suas igrejas?".

No meu livro anterior, além de falar um pouco de cristianismo, desenhei várias imagens no Paint. Algumas pessoas curtiram a liberdade que tomei num livro. Temos a noção de que na internet vale tudo, mas que num livro "não é permitido" fazer certas coisas.

Principalmente num livro de magia do caos, que propõe a quebra de paradigmas, acho legal experimentar coisas diferentes. Mas não precisamos necessariamente mudar tudo o que se tem feito e considerar tudo antiquado. É preciso testar para ver o que funciona.

A magia do caos foi muito influenciada pelo que estava ocorrendo no mundo da arte. Nenhuma área do conhecimento propõe inovações de forma isolada, incluindo as ciências. Até as descobertas científicas, que muitas pessoas pensam ser "imparciais" e "objetivas" são influenciadas pela cultura e pela arte da época em que surge a nova teoria.

Tenho muitas coisas a tratar nesse livro. Por enquanto usarei a velha divisão chamada "capítulos", possivelmente por praticidade e preguiça. Ela tem me servido satisfatoriamente até o presente momento.

Embora eu costume ler muitos livros, uma das minhas maiores influências é Homestuck. Nenhuma das minhas ideias vem do nada. Por que eu fiz imagens no Paint? Inspirada no Homestuck. Até meu estilo de fazer piadas e as liberdades que tomei eu peguei emprestado de "Sweet Bro and Hella Jeff" (a melhor coisa já feita até hoje). E ultimamente só estou com Hiveswap na cabeça.

Muita coisa aconteceu nesses últimos meses. Eu li livros que me influenciaram. O KLF fez uma performance no dia 23 de agosto para escrever um livro conjunto com dezenas de pessoas, ideia que achei o máximo (tem o vídeo no Youtube).

Para completar, eu também viajei e tive um contato enorme com hinduísmo.

Pode ser que tudo isso me influencie direta e indiretamente. Não acho que temos que nos esforçar para ser originais. Devemos consumir coisas que gostamos (livros, filmes, jogos, etc) e encontrar o nosso próprio estilo naturalmente, que é uma mistura disso tudo.

Tampouco acho que um caoísta deva se esforçar para "ser caoísta" e dizer coisas como: "Você está falando muito de astrologia e não está usando sigilos e servidores, então você não é caoísta".

A magia do caos pega emprestado de qualquer fonte. Você pode ser um magista do caos que curta xamanismo, como Jan Fries. Ou um magista do caos que goste de videogame, como Taylor Ellwood. Um caoísta que curta física, como Peter Carroll. Quem sabe uma que goste de macacos e goblins, como Jaq D Hawkins? Raios, seja um que admire a wicca, como Julian Vayne!

Eu me considero uma magista do caos que gosta de cristianismo, budismo e biologia. Eu gosto de mais um monte de coisas, dependendo da época. Às vezes volto a ser cristã, porque é uma egrégora bastante nostálgica. Ou vou a fundo no budismo porque meditar é legal pra caramba. Quem se importa?

Alguns querem passar a vida toda meditando numa caverna para se iluminar. Outros querem ajudar as pessoas com fome num local distante. Há quem queira ser uma excelente pianista para emocionar as pessoas com sua música, levando-as para outro mundo.

Existem pessoas que optam por fazer principalmente uma coisa só, para ir muito a fundo nisso (como ter só uma religião). Em geral, os caoístas se divertem em testar paradigmas bem diferentes, até contraditórios uns com os outros.

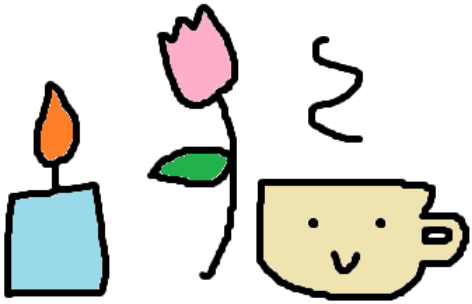
Gostaria de falar um pouco sobre tudo isso. Difícil saber por onde começar, sem esquecer nada. Se eu esquecer, fica para meu próximo livro.

Irei incluir aqui temas polêmicos, que acredito que mereçam ser debatidos. Mas também gosto dos assuntos leves que nos fazem sentir relaxando numa praia. Vamos pular um pouco de corda e alternar um pulo no céu e outro no inferno, para ficar mais emocionante.

Comecemos então falando mais sobre meu título. Qual é o valor do chá, dos feitiços e das rosas? Vamos filosofar um pouco sobre isso.

Wanju Duli, 23 de novembro de 2017 (por que 23? Os Deuses estão brincando comigo)

Capítulo 1: Café, Magia e Flores



Um dia meu estilo de desenhar no Paint será tão bom quanto Sweet Bro and Hella Jeff. Enquanto eu não chego lá, vocês precisarão se contentar com uma xícara fodida como essa.

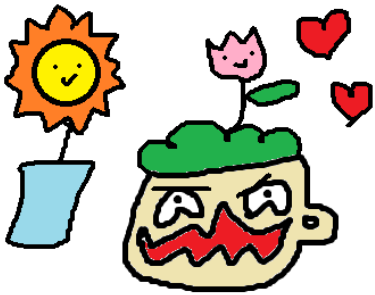
A verdade é que seria uma heresia referir-se a ela dessa forma desrespeitosa, já que possui olhos e uma boca para fazer a seguinte expressão quando isso ocorre:



Minto: essa é a expressão de quando ela está no inferno, possuída pelo demônio. O seu conteúdo é um chá verde borbulhante.

Merda, ela adquiriu vida!!!!





COMO DIZIAM OS EJOJUJIPCIOS
TUDO ESTÁ CONECTADO. EMBAIXO
É NO ALTO. ETC. POIS EH

Vamos deixar isso tudo de lado e retomar o importante tema de falar sobre chá, feitiços e rosas. O título é apenas uma variante, para não ficarmos entediados, repetindo sempre as mesmas coisas.

Quando o Luiggi sugeriu o título "Chá com bolo", ele justificou: "Mas sempre quando tu vai encontrar tuas amigas pra falar sobre magia do caos vocês só vão em confeitarias para tomar chá com bolo!".

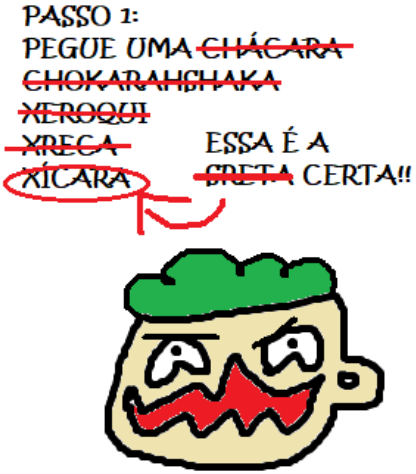
Eu respondi:



Por outro lado, isso não está completamente correto, já que algumas de nós pedem café, suco ou outra bebida e hoje mesmo, além do bolo, pedi um pão de queijo.

Eu particularmente prefiro chá do que café. Eu me acostumei a beber chá com leite, mas tenho preguiça de preparar em casa e quando saio raramente alguém sabe preparar.

A receita é a seguinte, que me foi ensinada num mosteiro budista em 2012 por um rapaz da Indonésia:



PASSO 17:
ENCHA 2/3 DA XORACA
COM ÁGUA FERIVIDA

ATENÇÃO: NÃO
AFOGUE A XORFACA!!!



PASSO 45:
COLOQUE UM CHÁ DE POZINHO DENTRO DA SUA XOROCA.

ASSIM!!!!



PASSO 9:
TIRE O SACO DEPOIS DE 5 MIN ADICIONE 1/3 DE LEITE. ATENÇÃO O LEITE ESTÁ VERMELHO APENAS DE FORMA ILUSTRATIVA



oi meu nome é esqueci



Talvez eu tenha desviado um pouco do nosso assunto, mas isso também depende do ponto de vista.

Agora vamos falar de flores. Bem, eu não entendo muito de flores, fora o que eu aprendi no livro "Linéia e seu Jardim". Portanto, voltemos a falar de magia.

A ideia dos feitiços é sempre interessante. Há quem estabeleça uma diferença entre um feiticeiro e um mago. O feiticeiro seria, naturalmente, aquele que se foca em magia com feitiços e isso incluiria desde rituais para obter dinheiro, usar sigilos e servidores para concentração ou rezar para que Deus cure um ente querido.

Uma pessoa pode ser um mago sem ser um feiticeiro. Eu já fiz alguns feitiços, principalmente quando estava começando a praticar magia e, embora raramente, ainda os realizo.

Há várias vantagens em ser um bom feiticeiro. Eu particularmente admiro magos que são bons nisso. Eu mesma não sou muito boa e não me interesso tanto pela área de feitiços.

Mas isso é apenas uma coisa minha. Não é só porque não foco tanto em magia com feitiços que irei condenar quem faz isso e chamar de "baixa magia" ou qualquer coisa do tipo.

Há quem diga, principalmente magos do Caminho da Mão Direita, que magia com feitiços, particularmente aqueles focados em obter coisas materiais, seria um modo de magia inferior ao que busca o desenvolvimento espiritual e contato com o divino para o autoconhecimento.

Considero essa posição questionável. No meu entendimento da magia do caos, cada pessoa pode buscar um objetivo diferente.

Pode ser que até exista um objetivo supremo a ser buscado por toda a humanidade em geral e por cada um dos indivíduos em particular. Mas pode ser que cada um tenha uma missão diferente e caminhos únicos para chegar lá.

Quer fazer magia para ganhar muita grana? Pode fazer! Quer ficar milionário? Vá em frente. Em vez disso, deseja abandonar o mundo e ir meditar no Himalaia? Vá em frente!

É comum que as pessoas sejam moralistas. Eu mesma sou moralista frequentemente! É difícil fugir disso.

Quem deseja manter o foco na questão espiritual pode gostar de dizer:

"Magia para obter dinheiro é tão egoísta! E você não pode querer ficar milionário porque é por causa dos super ricos que existem os pobres, o capitalismo se alimenta disso, queremos socialismo, etc, etc".

Eu fico com um pé atrás em discursos como esses, independente de eventualmente conterem um pouco de verdade.

Nem sempre magia para obter dinheiro é algo egoísta. Podemos ajudar família e amigos com esse dinheiro. E é verdade que ajudando a nós mesmos primeiro (cuidando da nossa saúde, da

nossa alegria, da nossa questão financeira, etc) podemos estar mais aptos a ajudar os outros de forma mais apropriada.

E eu sinceramente fico cansada com essa briga de capitalismo versus socialismo e esquerda versus direita. Há uma tendência de considerar o outro lado como "O INIMIGO". A luta do bem contra o mal, do Deus contra o demônio.

Num capítulo mais adiante falarei mais de política, para a alegria de todos!

Também há quem diga:

"Não devemos abandonar o mundo, a matéria também é importante, não vamos contribuir com o mundo nos afastando dele!"

Na nossa época focada no materialismo e no secularismo, não entendemos que o foco nas coisas espirituais pode contribuir de forma material nesse mundo mesmo.

Há diversas formas de viver e devemos fazer o que sentimos ser o certo para nós. Isso não significa que não iremos admirar outros estilos de vida.

Infelizmente, gostamos de considerar as escolhas que fazemos melhor do que todas as outras.

Se nós escolhemos nos casar, podemos fazer discursos pretensiosos sobre a superioridade do casamento em relação a estar solteiro ou ter vários parceiros.

Quem, por outro lado, opta por morar sozinho e sempre estar solteiro pode acabar se convencendo que esse é o melhor modo de vida para todos e desprezar completamente a vida de casado.

Aqueles que possuem vários parceiros podem achar que pessoas com apenas um são "caretas".

Vocês certamente já entenderam o que quero dizer, mas irei dar outros exemplos.

Quem escolhe não ter filhos poderá discursar sobre como fez uma escolha nobre, pois o mundo já está cheio de gente. Sem filhos, terá mais tempo e dinheiro.

Quem escolhe ter filhos pode discursar que é esse o sentido da vida, passar os genes, dizer que essa foi a melhor coisa que já aconteceu na sua vida. Vai também lembrar que quando a China instituiu a política do filho único percebeu como é importante que os cidadãos tenham mais filhos, ou não terão mais trabalhadores jovens para sustentar os aposentados. E eles voltaram atrás.

Aqueles que optam por adotar crianças podem acabar se achando melhores que aqueles que engravidam, pois além de não estarem colocando mais crianças no mundo estão ajudando aquelas que precisam.

Eu poderia dar muitos outros exemplos. E faço questão de dá-los para nos darmos conta do quão longe chegamos nesses nossos pensamentos inconscientes de estar fazendo escolhas melhores do que todos os outros.

Podemos nos achar melhores em relação a profissões que escolhemos. Em relação a nossos partidos políticos, a nossas contribuições voluntárias para ajudar pessoas, animais e meio ambiente. E frequentemente nos achamos muito bons em relação aos alimentos que comemos.

Existem vegetarianos que são completamente contra aqueles que comem carne, pois podem achar que quem come carne está poluindo mais o meio ambiente (por causa das criações de gado que peidam, etc) e também devido à questão ética de matar animais para o consumo.

Há os onívoros que condenam a opção alimentar dos vegetarianos, pois lembram que evolutivamente nós precisamos de alimentos de origem animal para ter mais saúde.

Em relação a profissões, todas elas ajudam. É preciso valorizar tanto aquelas que focam na teoria (como professores) como na prática. Na magia é a mesma coisa: teoria e prática, ambas são importantes.

Após falar tudo isso, me dei conta que posso estar agindo da mesma forma: me achando melhor que os outros como se aqui eu

estivesse apontando os erros dos outros em vez de olhar para meus próprios erros.

Eu já mudei muito de estilo de vida, de religião, de opção política, etc e cada vez que eu ia para um lado me dava conta que começava a achá-lo melhor. Talvez não porque ele era melhor de fato, mas simplesmente porque eu estava daquele lado e me sentia melhor ao me considerar do lado do mocinho, do bonzinho, do salvador do mundo.

Isso tampouco é argumento para apoiar um relativismo total. Quando tudo é relativo, incluindo os direitos humanos, isso pode se tornar muito perigoso, como vimos na época das Grandes Guerras.

Defender a posição da magia do caos não significa apoiar que tudo é relativo, mas que podemos experimentar vários paradigmas e que eles são válidos ao considerarmos determinado contexto.

O problema da maior parte das discussões é que uma posição não é considerada dentro de seu respectivo paradigma. Então ocorrem diversos mal-entendidos.

Duas pessoas nascidas em classes sociais diferentes, de etnias e gêneros diferentes, educadas em certas religiões, que viveram situações de guerra, etc, podem ter as ideias mais variadas sobre política, religião e muitos outros temas.

Nós geralmente consideramos a nós mesmos como muito tolerantes, respeitosos, bondosos e salvadores do mundo. Isso somente porque temos uma ideia sobre tolerância e bondade que se encaixa na nossa forma limitada de ver o mundo. Considerada a partir de outro paradigma, as palavras felicidade, liberdade e respeito podem adquirir conotação completamente oposta.

Achamos que somos capazes de julgar o mundo inteiro e as escolhas das pessoas. Mas nós não somos capazes de olhar o mundo "de fora" e sim somente a partir da nossa casca humana, das nossas características as quais estamos inevitavelmente aprisionados.

Por isso, ao dizer todas essas palavras, também devo reconhecer que sou prisioneira dessa condição. Estou aqui fazendo um belo discurso de como não somos capazes de ver nada de fora. Por isso deve haver diversos erros nisso que acabei de falar e que não sou capaz de enxergar.

Uma boa forma de treinar ver o mundo de diferentes paradigmas é ler muitos livros que expressam diversos pontos de vista, inclusive que discordam uns dos outros.

No final, você aprende que há autores extraordinários defendendo ideias completamente opostas. Já li muitos autores de cristianismo que são uns amores, uns docinhos, eu me derreto toda com o respeito e fascínio que eles possuem em relação às mais variadas religiões e visões de mundo, levando sempre consigo a mensagem de amor e perdão e nunca levando literalmente certas passagens bíblicas.

Eu convivi com ocultistas que falavam mal do cristianismo, mas quando realmente fui ler livros de cristianismo, conversar com padres, com freiras, com monges, ir a missas e falar com cristãos, eu vi que a tal intolerância que possuíam não era nada daquilo que diziam ser.

Na mídia só vemos notícias de cristãos intolerantes e de muçulmanos terroristas e passamos a achar que a maior parte deles são assim. Não é verdade. Não devemos julgar as pessoas pela sua religião ou partido político, mas na prática fazemos isso.

Para mim, isso tem tudo a ver com magia do caos, pois estamos falando de mudança de paradigmas e da capacidade de movimentar-se de um paradigma para outro.

Quando permanecemos num paradigma só por muito tempo podemos começar a achar que ele é absolutamente correto e a verdade absoluta. Isso normalmente vem da nossa vontade de achar que somos os bons e aquele que é diferente é mau.

Podemos achar que a tradição, os conservadores, etc, são um atraso. Ou o oposto: que tudo aquilo que é novo é intrinsecamente ruim.

Nós podemos resolver isso com uma abordagem da antropologia: não basta ser somente o cara que entrevista alguém por cinco minutos e acha que já entende tudo do assunto. Vá viver com aquela tribo por alguns meses: comer o que eles comem, fazer seus rituais, participar das rodas de conversas.

É inevitável que você se apaixone. É claro que, dependendo de onde você estiver, pode ter surpresas desagradáveis que desafie todas as suas noções de cultura, de ética, de civilização. Mas é quase impossível que você não encontre algumas pessoas legais ali no meio e que por causa delas você possa pensar duas vezes. Se pessoas legais estão ali, alguma coisa de bom possivelmente tem. Não é tudo somente preto ou branco.

E então voltamos ao café, à magia e às flores.

Você pode debater se cachorros ou gatos são melhores e ter inúmeros argumentos. Em geral, ocultistas preferem gatos, então eu tendo a defender os cachorros, para testar paradigmas alternativos.

Por que ocultistas preferem gatos? Minha teoria é que eles gostam da noção da independência que eles representam, enquanto os cachorros são leais, fiéis, etc, e isso tem mais relação com as ovelhas que seguem o pastor no cristianismo.

Porém, a lealdade e a fidelidade são valores bonitos. Claro que a independência também. Um não exclui o outro.

É melhor café ou chá? Cada um possui benefícios diferentes para a saúde e gostos diferentes. Você deve considerar a sua situação particular e seu paladar. Isso não é óbvio?

Eu não tive boas experiências com café ao longo da minha vida, mas já tive ótimas experiências com chá. Nem por isso eu serei uma chata e irei lembrar o tempo todo dos possíveis malefícios à saúde de beber café demais e ressaltar os benefícios do chá.

Nós fazemos isso inconscientemente. Eu me sentirei melhor por falar mal do café e falar bem do chá, independente de um ser mesmo melhor para a saúde ou ter melhor sabor que o outro.

Acho que cada um de nós devia fazer uma lista. Pegar um pedaço de papel e dividir em duas colunas. Numa delas iríamos marcas as posições políticas, religiosas, de saúde, etc, que consideramos as mais corretas e as que menos gostamos. Em seguida veremos quais delas condizem com aquelas que nos encontramos atualmente.

Veremos que normalmente estamos do lado "do bem". Como um caoísta, seria interessante pegar essa lista e passar um mês fazendo exatamente o contrário do que achamos ser o certo.

Podemos ficar um mês lendo livros da posição política oposta a que defendemos, e considerando seriamente os argumentos. Se somos vegetarianos podemos comer carne por um período ou vice-versa (lembrando para fazer essa mudança de forma gradual para não ter uma intoxicação alimentar ou uma diarreia, normal em qualquer mudança súbita de alimentação). Se só comemos comidas que fazem mal à saúde podemos passar um tempo só comendo comidas saudáveis, ou vice-versa. Ou adotar outra teoria do que seria "saudável".

Quando li a autobiografia do Gandhi, "Meus Experimentos com a Verdade" vi como ele fazia experiências com praticamente tudo. Ele não aceitava que algo fosse verdade apenas por tradição ou porque algo era feito assim em sua época. Ele lia bastante e experimentava muitas coisas, formando suas próprias teorias.

Inevitavelmente, ele adequava suas teorias para encaixar em suas práticas e relatou alguns erros que cometeu por causa disso, mas é difícil escapar dessa armadilha.

Existem muitas flores no mundo, de variadas formas e cores. Todas elas são belas. Uma não é melhor que a outra de forma absoluta. Podemos gostar de determinada flor porque tivemos

uma experiência particular com ela na infância, mesmo que outros a considerem feia. Para nós é especial.

Isso não significa que não existam coisas absolutas. Afinal, considerar como absoluto que "Tudo é relativo" é contraditório. Devemos conceder que até mesmo essa frase é relativa, o que dá espaço para o absoluto em nossa existência.

Dizer que "Todas as religiões estão certas" ou que "Nenhuma está certa" ou que "Todas possuem um pouco de verdade" significa discordar das pessoas que afirmam que "Uma religião é a certa".

E pode ser que somente uma seja a certa mesmo, ou se aproxime mais da verdade do que todas as outras. Não temos como saber. Quem se acha extremamente respeitoso dizendo frases como essas pode se tornar extremamente intolerante quando lidar com pessoas que defendem que somente sua religião é certa.

Nós não nos damos conta disso, mas essa é uma das maiores ciladas na qual podemos entrar.

Os ocultistas muitas vezes se acham melhores que os outros por serem ocultistas. Acham que sabem segredos escondidos, que são mais tolerantes. Muitos magistas do caos também. Só que eles podem não ser assim tão nobres quanto acham que são.

Nós somos humanos como quaisquer outros, propensos a erros. Confiamos no nosso raciocínio, em nossas emoções, mas até mesmo o que chamamos de tolerância pode se disfarçar em discurso de ódio em relação a quem discorda da nossa noção de tolerância.

Mais tarde voltarei a esse assunto. Eu gosto de engatar um assunto no outro, mas isso nem sempre funciona bem para um livro dividido em capítulos. Acho que eu devia escrever um livro cheio de links em que cada tema te liga para um artigo específico, já que num capítulo só eu não encontro espaço para falar com

profundidade de todos os assuntos que surgem e minha linha de raciocínio é cortada.

Por enquanto serei old school e continuarei com capítulos, até que eu decida outra forma melhor de fazer as coisas, que funcione para meu estilo de escrever.

Capítulo 2: O que é magia?



Eis a pergunta de um milhão de dólares. Jogue um dado e dê sua definição de magia, uma pior que a outra.

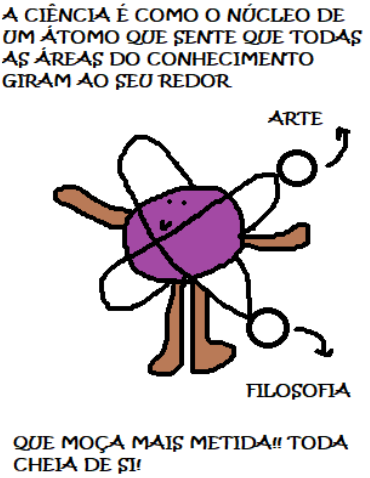
Eu já escrevi muito a respeito de como não concordo em definir a magia como "ciência". Magia é magia, possuindo uma identidade totalmente própria. Mas na minha concepção ela se aproxima mais da arte do que da ciência. Também possui um pouco de filosofia e religião.

Claro que cada pessoa pode usar a magia para uma coisa diferente. Quem utiliza a magia como um laboratório de experimentos e anota seus resultados faz com que ela possua mais semelhanças com a ciência.

Mas isso pode causar um pouco de confusão. O que chamamos de ciência nos dias de hoje não é a bagunça (*pigarro*) que era no passado. Quem faz testes com magia não segue o passo a passo do que se considera hoje o "método científico".

Agora me sinto mal por ter chamado a ciência do passado de bagunça. Isso é um preconceito meu. Nós usamos uma sistematização diferente hoje. Antes a ciência era mais integrada com outras áreas do conhecimento e dialogava mais com elas. Hoje a ciência colocou a si mesma numa ilha, num trono, e torce o nariz para todas as outras áreas, como filosofia e arte.

Os cientistas frequentemente se esquecem da importância da filosofia no desenvolvimento do método cientifico. E a ciência é influenciada pela cultura, pela arte e pelas áreas humanas o tempo todo. Ela apenas não se dá conta disso e quer dar todo o crédito para si.



Eu não costumo usar tanto o ocultismo como religião. Confesso que o uso mais como filosofia e como arte. Como uma diversão.

Evidentemente, ele também me ajuda como religião, para desenvolver a minha espiritualidade. Mas devo dizer que para mim as religiões cumprem mais esse papel.

Por isso é complicado dizer o que é magia. Depende do uso que você faz dela. Sendo assim, sua função e definição pode variar de pessoa para pessoa.

Um mago que usa magia como religião e como foco de desenvolvimento pessoal e espiritual pode definir a magia nesse sentido.

Um feiticeiro que use magia para adquirir ganhos materiais ou mentais, como psicologia, etc, já irá defini-la de outra forma, focando em seu aspecto simbólico.

A magia é como um camaleão que pode se transformar no que desejarmos que ela seja. Principalmente a magia do caos.

Você não tem todo esse poder para dizer o que é ciência, já que o termo "ciência" é fortemente guardado e defendido por seus sacerdotes dos meios acadêmicos, os papas que definem o que é certo ou errado realizar no passo a passo do método científico para ser aceito em seu clubinho de especialistas.

É claro que existe uma série de vantagens em haver regras comuns a todos. Facilita muita coisa. Da mesma forma, o fato de o catolicismo ter sua religião unificada e hierarquizada (por um papa, cardeais, bispos, padres, etc) é extremamente útil.

Muitos são contra hierarquias (o fato de haver um professor e um aluno numa universidade, por exemplo, já que todos podem aprender com todos), incluindo no meio mágico.

Caso uma pessoa tenha um diploma universitário que a torne apta a ser um professor numa área do conhecimento, normalmente as pessoas não reclamam tanto disso. Mas no ocultismo, mesmo se o cara tiver feito parte de muitos grupos de magia e possuir um currículo exemplar de experiências, é como se isso nunca o tornasse apto o bastante para ensinar.

Eu acho isso um pouco estranho, mas compreendo. No ocultismo o pessoal, além de gostar de gatos, costuma ser contra hierarquias e tender para a posição política do anarquismo.



Mas voltando ao assunto, o termo "ciência" costuma ser o mais dogmático de todos. Até o termo "religião" é mais livre de ser definido pelos religiosos. Basta tentar uma nova definição para "ciência" que alguns cientistas irão berrar e se sentir escandalizados. Afinal, a ciência é a religião do século XXI.

O termo filosofia também possui uma maleabilidade relativa. Arte é difícil de ser definido e, a meu ver, é o que mais possuímos liberdade de trabalhar.

Por todas essas razões, acho magia mais parecida com a arte. Assim como a arte, magia não tem uma definição tão precisa quanto ciência e filosofia.

Você pode fazer experimentos ao pintar numa tela e acho os experimentos da arte mais parecidos com os experimentos da magia. A ciência é toda cheia de dedos sobre o que pode ou não pode, sobre o que é certo ou errado, assim como a religião.

Na Idade Média era costume a educação ocorrer em mosteiros e você ter que seguir regras religiosas rigorosas sobre o que pode ou não pode fazer.

A situação não mudou muito. Os mosteiros foram substituídos por universidades e os dogmas religiosos trocados pelos dogmas do método científico. Sim, há vantagens em seguir tais dogmas, assim como há vantagens em seguir certos dogmas religiosos.

A questão é que atualmente vemos o mundo através de um paradigma utilitarista. A magia do caos também usa esse paradigma, já que possui muita influência da ciência.

Para o cristianismo o importante não é usar o que funciona, mas seguir o que eles definem como verdade. Mesmo que algo funcione melhor, seja mais simples e rápido, tudo será sacrificado em nome da verdade, mesmo que isso implique em prejuízo para a saúde, para a sanidade ou uma morte rápida. Os mártires cristãos morriam em nome de Deus.

Os mártires nos dias de hoje são reconhecidos por salvar corpos mais do que almas, como os mártires da política ou de causas sociais. Nossos valores simplesmente mudaram.

Muitos ocultistas hoje não acreditam mais em Deus, em verdade, em bem e mal, ou nem mesmo acreditam na própria magia. Eles acreditam na ciência e nos corpos e não em espíritos ou almas. Apenas fingem que acreditam para obter certos resultados.

A maior parte dos ocultistas que conheço transformaram magia em psicologia e em símbolos. São paradigmas interessantes, mas não são os únicos possíveis.

Nos dias de hoje fomos doutrinados a considerar a ciência como nosso Deus e o método científico como mandamentos infalíveis que nos conduzem à verdade. Vejo pessoas reclamando quando se ensina o criacionismo nas escolas, mas não vejo pessoas reclamando quando nos doutrinam que a ciência é o único caminho de nos conduzir à verdade sobre nosso mundo.

Sabemos que teorias científicas mudam. A teoria da evolução de Darwin é muito interessante, mas ele não foi o único cara que falou sobre evolução. É possível que daqui centenas ou milhares de anos não se fale mais em evolução.

Temos a noção de que as teorias científicas mais atuais são sempre as mais corretas. Se tivessem dado bola para o que Leibniz disse há alguns séculos sobre o tempo ser relativo, não teríamos esperado até o século XX para essa teoria ser "redescoberta".

E o tempo é absoluto ou relativo? Isso também pode depender do paradigma adotado. Estudar a questão do tempo a partir da perspectiva da física também é uma coisa. Já os livros de filosofia que falam sobre tempo possuem outra abordagem.

É claro que como tendemos a tornar a ciência nosso Deus costumamos levar mais a sério o que a física diz sobre o tempo do que a filosofia.

E escutar o que a religião diz sobre o tempo? Quase impensável! Bertrand Russell considera as teorias de Santo Agostinho sobre o tempo totalmente originais. Mas o que ele disse só é levado a sério hoje porque ele também foi um filósofo além de teólogo.

Nós precisamos escutar o que as outras áreas do conhecimento têm a nos dizer em vez de considerar somente a ciência como a salvadora do mundo (a Deusa que resolve todos os problemas atuais da medicina e da tecnologia). Tudo bem, foi por causa de

descobertas da física que foi feita a bomba atômica, mas quando se trata de ciência somos completamente cegos para enxergar seus supostos "lados ruins".

Mas quando o assunto é religião não queremos escutar quantos milhares de colégios e instituições de caridade os cristãos fundaram. Só falamos de Inquisição e Cruzadas.

Como sempre, só enxergamos o que queremos ver. E O INIMIGO deve ser combatido hoje e sempre. Porque não conseguimos conversar com o diferente para tentar entendê-lo, mas somente odiá-lo e considera-lo o causador de todos os problemas do mundo.

Eu adoro magia do caos, mas também enxergo que ela não é o curinga do baralho que resolve todos os problemas. Afinal, ela também é produto de sua época e possui seus males.

Na magia do caos se diz coisas como "Nada é verdadeiro, tudo é permitido" e "Use o que funciona". De certa forma, essas concepções são libertadoras para romper com certos dogmas da magia. Mas precisamos entender o que estava ocorrendo antes no meio mágico para termos noções de sua importância.

É claro que a magia foi influenciada fortemente pelo cristianismo. Até hoje se dá muita importância para a cabala, que tem um simbolismo judaico-cristão. Até penso que foi graças a cabala que os ocultistas de hoje ainda possuem certo respeito à tradição e não descartaram completamente a noção de "Deus" como antiquada.

É dito que o tarot tem origem relativamente recente (de alguns séculos atrás) e bebeu muito da fonte da Reforma Protestante, do Renascimento e do Iluminismo.

Já a astrologia tem origem em épocas antes da Era Cristã e existiu em diferentes formas nos mais variados países e culturas. Penso ser este um fato para considerá-la totalmente digna de atenção. Se fosse bobagem, por que tanta gente, em tantas épocas e lugares diferentes a inventaram ou a descobriram?

Diz Papus no livro "Astrology for Initiates":

"A astrologia povoa o céu de seres vivos e de forças inteligentes, enquanto que a astronomia não nos mostra mais do que um imenso cemitério de massas inertes e de forças cegas"

Claro que só o fato de algo ser antigo e ter existido em tantos lugares não é argumento suficiente para ser considerado como algo bom. Sacrifícios humanos, tortura, punições violentas para crimes, escravidão, etc, também são coisas antigas, que existiram nas mais variadas épocas e lugares.

A questão é se perguntar: por que essas coisas existem na espécie humana? Qual é o contexto em que elas possuíam razão de ser? Quais as vantagens e quem se beneficiava com isso?

A magia também é algo muito antigo, que pode ter existido desde a Pré-história. A questão é que sabemos muito pouco sobre a Pré-história.

Um autor famoso que falou a esse respeito foi G.K. Chesterton, um dos mais respeitados autores cristãos do século passado. Inclusive, na biografia de Austin Osman Spare de Phil Baker ele é mencionado duas vezes, já que foi contemporâneo de Spare e era um figurão na época, que já debateu com Bertrand Russell.

É lugar comum afirmarmos que no Paleolítico se tinha práticas religiosas e mágicas devido a evidências de pinturas nas cavernas, das formas que eles enterravam seus mortos, etc.

Mas parte disso pode ser apenas inferência nossa. O que nos garante que tudo aquilo não fosse um jogo, por exemplo? É isso que nos lembra G.K. Chesterton: a arrogância humana de achar que sabe de tudo.

Podemos fazer várias interpretações erradas com base em evidências que nos remetem a algo dentro da cultura em que fomos educados e da época em que vivemos.

O que nós, no século XXI, chamamos de magia é muito diferente daquilo que os antigos chamavam de magia.

Hoje, para que a magia tenha respeito, nós a relacionamos com a ciência. Antigamente, para algo ser respeitado era necessário buscar evidências bíblicas. Hoje nós buscamos evidências para validar a magia na psicologia, na neurociência e na física quântica.

Eu não vejo nada de tão absurdo assim em buscar evidências em livros antigos e muito respeitados em certas comunidades. A Bíblia foi extremamente importante para muita gente, há muito tempo, e possui informações de valor, incluindo ciência, filosofia, história, sociologia, etc.

Mas nós não podemos entender a Bíblia como se contivesse informações literais sobre história e ciência o tempo todo. No estilo de escrita da época era muito comum misturar eventos históricos com eventos simbólicos, e eventos reais com alegorias. Esse também era o estilo de escrita da Idade Média, já que nas enciclopédias da época um cavalo podia estar na mesma página que um dragão, como se ambos fossem seres igualmente reais.

E para a época eram, de certa forma, já que o espírito era considerado tão real quanto o corpo. Seres espirituais, como anjos, eram considerados tão reais, ou até mais reais, do que os seres desse mundo. Por isso para eles era muito mais fácil trabalhar com a espiritualidade do que para nós, que seguimos a religião do materialismo e do secularismo.

Evidentemente esses paradigmas possuem suas vantagens. Em compensação, torna as pessoas intolerantes para entender o paradigma religioso. Para uma pessoa que acredita em alma o aborto tem um significado e para uma que não acredita tem outro.

Por isso, em vez de condenar a posição do outro como antiquada ou imoral é preciso tentar entender o paradigma no qual a pessoa está elaborando seu argumento.

É divertido ler os livros do Tim Leary, por exemplo, que trabalha a questão da magia num paradigma fortemente científico.

Eu admiro o Tim Leary pra caramba e amo os livros dele. Sério, são criativos pra caralho!! Eu tiro o chapéu pro cara. E a biografia

que o John Higgs escreveu sobre ele, "I Have America Surrounded" é nada menos que extraordinária.

Não me entendam mal: eu amo ciência, gosto de ler sobre isso e admiro o pessoal que relaciona magia e ciência.

Meu único argumento aqui é que às vezes podemos tentar um caminho entre o dogmatismo religioso ou mágico e o cientificismo.

O método científico é ótimo, mas ainda pode ser melhorado e se não fosse considerado a última bolacha do pacote poderíamos ir muito mais longe, aliando esse método com outros.

E então, afinal, o que é a magia?

Nós fazemos essa pergunta em meio a um cenário de guerra entre religião e ciência, tendo em vista intenções políticas. Onde a magia se encaixa no meio disso tudo?

Nos dias de hoje as pessoas estão insatisfeitas com religião. Os ocidentais recorrem às religiões orientais, principalmente as indianas, como hinduísmo e budismo. Enquanto isso, os orientais, como os indianos, reconhecendo alguns problemas de suas próprias religiões (como o sistema de castas) recorrem às religiões ocidentais como cristianismo, ou mesmo ao islamismo.

Catolicismo e islamismo ortodoxo costumam fazer muito sucesso em países mais pobres da África, da Ásia e do Oriente Médio. Enquanto isso, nos países ditos "mais ricos" o que está em voga é o cristianismo protestante ou evangélico, além do islamismo mais liberal. Uma porcentagem pequena mas significativa de pessoas nesses países também adere ao ocultismo ou a movimentos New Age.

Por que isso acontece? Tenho algumas teorias. Todas as pessoas têm problemas de diferentes naturezas e buscam resolvê-los. As pessoas têm problemas financeiros, de relacionamentos, questões espirituais, etc.

E como as pessoas lidam com esses problemas? Suponho que aqueles que possuem ao menos casa, comida e saúde se sentem seguros o bastante para lidar com seus problemas com suas

próprias forças. É possível, através de feitiços e magia, adquirir certa confiança para lidar com as questões do dia a dia. Quando precisamos de ajuda mais aprofundada, podemos buscar um psicólogo.

Mas o que acontece com aqueles que não têm onde morar, estão passando fome, não têm acesso a água potável e estão quase morrendo de diarreia? Imagine então acesso a um psicólogo! Tudo isso custa dinheiro.

O que é gratuito? Igrejas. Muitas igrejas e mesquitas ao redor do mundo oferecem casa, comida e educação para pessoas miseráveis nos países em que o governo não consegue dar conta desses problemas.

As pessoas se sentem impotentes para buscar a vida com as próprias forças e sentem que só conseguirão sair daquele extremo sofrimento recorrendo a uma força muito maior que elas mesmas: Deus. Valores como independência são mais difíceis de serem valorizados. É mais fácil entender como a vida humana é frágil, como a carne é fraca e como somos nada sem o amor, a amizade e o auxílio uns dos outros.

Deixamos o orgulho para trás, aceitamos ajuda e nos entregamos completamente a Deus.

Será que é tão difícil assim entender por que cristianismo e islamismo são as religiões que mais crescem no mundo? São religiões que exigem uma enorme entrega das pessoas e muitas responsabilidades.

Afinal, por que alguém teria o trabalho de ir à igreja todos os domingos? Ou de rezar cinco vezes por dia como fazem os muçulmanos?

Pode ser difícil para que os ocidentais de classe média compreendam isso. É claro que para nós religiões mais liberais, que condizem mais com os valores da época em que vivemos, são mais atraentes.

Vejo que uma das maiores razões para a ocorrência da Reforma Protestante foi simplesmente porque o catolicismo proibia lucros ou juros (dependendo da interpretação). O final da Idade Média foi uma época em que a nobreza enfraquecia e a burguesia se fortalecia. A burguesia precisava de uma nova religião que não condenasse grandes ganhos financeiros.

É óbvio porque em geral há mais protestantes do que católicos em países ricos. É porque os grandes empresários desejam receber seus lucros livremente e sem culpa. O catolicismo, de certa forma, freava isso. Claro que ninguém se incomodava porque a nobreza já tinha seus privilégios garantidos.

Para quem reclama do capitalismo hoje, eu costumo brincar que os bons tempos eram mesmo na Idade Média, quando os valores cristãos da caridade estavam em voga. Era muito comum que grandes reis abandonassem tudo para viver em mosteiros.

Algumas pessoas não têm noção da força que tinha a religião e que ainda tem nos dias de hoje. É uma das únicas entidades poderosas o suficiente para superar o fascínio humano pelo dinheiro.

O dinheiro pode gerar prazer e conforto, mas no momento em que a religião nos coloca valores que estão acima desse prazer e desse conforto, o dinheiro já não tem a mesma atração.

Quem olha superficialmente essa situação considera cristãos e muçulmanos como estúpidos pelas posições de alguns que consideramos condenáveis. E passamos a ter preconceito contra religião. Mas não temos preconceito contra a ciência em si quando cientistas cometem atrocidades em nome do tal progresso científico.

O dinheiro é uma entidade bastante polêmica nos dias de hoje. Há aqueles que o veneram e os que o condenam. E daí nascem muitas das brigas políticas.

A magia também se divide nessa questão. Quem defende magia para ganhos materiais e prazeres não condena o dinheiro. Quem

acha que magia só pode ser usada para objetivos "elevados" (como desenvolvimento espiritual) acha que querer ganhar dinheiro é algo negativo, que o grande acúmulo de dinheiro por parte de poucos é o que gera a pobreza, etc.

Em geral, na magia do caos não há condenação a magia para ganhos financeiros, até porque ela segue a tendência materialista da nossa época.

Acho ingênuo dizer que magia do caos abarca tudo, já que ela mesma é um metassistema que já possui regras fortemente influenciadas por certas tendências, como o pragmatismo.

Falei de muitas coisas nesse capítulo e não me lembro se dei uma definição adequada de magia. Eu disse apenas que a considero mais semelhante à arte e mais longe da ciência. Numa época que valoriza a ciência mais do que a arte, é uma notícia difícil de lidar.

Mas eu proponho que valorizemos essa perspectiva com alegria, já que a arte é muito mais maleável e possui menos regras fixas.

O que chamamos de magia tradicional, que usa grimórios medievais, lida com cabala, astrologia e tarot possui regras mais fechadas. Existe uma correspondência correta dos planetas com números, cores, signos, símbolos, etc, que deve ser seguida com fidelidade para a magia funcionar.

Mas e se não seguirmos as regras ao pé da letra? Será que a magia não funciona? Se os antigos consideravam o mundo espiritual tão real ou mais real do que o mundo material, então é preciso seguir as regras, certo?

Correto. Devemos segui-las da forma mais fidedigna possível. Ou, como diz a Bíblia, "Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento" (Lucas 10:27).

Mas e se cometemos um erro por ignorância? No mundo material, não importa se nossas intenções são boas ou não. Quando um erro grave é cometido, a causa não produz o efeito e ele geralmente não ocorre.

Ou ao menos é assim que pensamos. Atualmente acreditamos que as coisas se dão geralmente assim e que nosso estado mental não influencia.

É verdade que a ciência tem descoberto cada vez mais a influência do estado mental na nossa saúde. Para variar, é somente quando a Deusa Ciência nos dá licença para acreditar em alguma coisa com seus métodos que nós acreditamos. Achamos que a tradição e o conhecimento popular vale menos que lixo perto dos nossos sacerdotes cientistas e isso muitas vezes nos leva a ter problemas.

A questão é que muitas pessoas são curadas de doenças que os médicos consideravam como incuráveis. Isso ocorre com muito mais frequência do que imaginamos.

Confiamos demais nos nossos médicos e na nossa ciência. Há muita coisa que ainda não sabemos.

Na magia não poderia ser diferente: mesmo quando não observamos todas as correspondências planetárias e cabalísticas, nossa magia ainda pode funcionar. A nossa intenção e estado mental em relação à magia têm enorme poder.

O cristianismo sempre reconheceu que feitiços e astrologia funcionam. Há vários relatos na Bíblia de astrologia e poderes mágicos (os sonhos proféticos de José, os reis magos que seguiram uma estrela, etc).

No entanto, para o cristianismo a fé em Deus sempre foi mais importante do que conhecer os segredos e leis espirituais para que os feitiços e as previsões do futuro funcionassem.

Não precisávamos saber o futuro porque bastava confiar em Deus e fazer o melhor possível no presente. Não era preciso realizar feitiços formais com nosso poder, pois bastava rezar para Deus que as nossas boas ações e a nossa fé seriam o bastante para que o maior feiticeiro do mundo operasse os feitiços mais poderosos por nós.

Esse é o encanto da magia de Abramelin. Muitos ocultistas se preocupam que se não prepararem o óleo corretamente e não montarem o altar de forma perfeita a magia não vai funcionar.

É claro que vai funcionar, cara. O autor do livro deu de presente a magia de Abramelin para seu filho mais novo e a cabala para seu filho mais velho, indicando que a cabala era um conhecimento superior.

No entanto, aí reside uma armadilha: a Bíblia está repleta de histórias nas quais o filho mais novo ganha o direito da primogenitura devido a um ato nobre que realiza.

Diferente do que pensamos, o sangue não era tão importante nos tempos passados. Era comum que grandes reis realizassem adoções e os considerassem como seus herdeiros e primogênitos. Deus poderia escolher qualquer um para ser seu profeta.

Eu costumo dizer que para realizar a magia de Abramelin é preciso entender o paradigma da época no qual o grimório foi escrito. E este era o paradigma dos espíritos.

Eu sinceramente não me importo tanto se Mathers, Crowley e Dion Fortune não consideravam o SAG como uma entidade separada deles mesmos. Eles interpretaram a magia com paradigmas dos séculos XIX e XX.

O catolicismo e o cristianismo em geral sempre deixaram claro, por mais de dois mil anos, que os anjos, incluindo os anjos da guarda, são entidades separadas dos humanos. Não são um aspecto da nossa psique, como clama a psicologia.

Os magos modernos e contemporâneos foram muito influenciados pelo paradigma psicológico e clamam saber mais do que uma religião que dominou o mundo ocidental por mais de mil anos e que ainda hoje é a maior religião do mundo.

Quem será que está certo? Crowley, Freud e Jung (ou, como Austin Osman Spare os apelidou: "Fraud" e "Junk") ou Santo Agostinho, São Tomás de Aquilo, Avicena, Averróis e alguns dos maiores teólogos desses últimos milênios?

Bem, meu amigo, a questão é que ninguém precisa estar certo se interpretarmos isso como uma questão de paradigmas.

Segundo a magia do caos, na prática não importa se o anjo é uma entidade separada de você ou um aspecto de sua psique contanto que você faça tudo corretamente para convidá-lo a aparecer. Ou para tornar-se digno de receber sua presença. Algo difícil para o ocultista contemporâneo orgulhoso que está acostumado a comandar seus servos e servidores. Ele não aceita dobrar o joelho, como Lúcifer.

OK, já que estamos falando disso, vamos mergulhar fundo. Aceito o desafio. Como eu já disse antes, entender os princípios da magia tradicional é fundamental para entendermos magia do caos.

Por que a magia do caos começou? Como uma "reação" à forma anterior de fazer magia. Mas o caoísta nunca foi inimigo da cabala, da astrologia e do tarot. Ela apenas defendia que era possível atingir resultados semelhantes sem isso. Algo que a magia convencional sempre reconheceu, mas apontava a religião como possível substituto.

De modo análogo, a magia legada a nós hoje foi um tipo de reação às religiões estabelecidas, mas nunca foi inimiga declarada da religião (ou ao menos não devia ser).

Os pagãos romanos jogaram os cristãos aos leões. Os cristãos colocaram os pagãos na fogueira. Os iluministas declararam: "Os cristãos são maus porque jogaram os pagãos na fogueira, então vamos esquecer que os pagãos jogaram os cristãos aos leões e apoiá-los porque eles são bonzinhos".

Acho que só Gandhi, Tolstói e os Quakers não jogaram ninguém na fogueira (ou numa prisão, ou numa cadeira elétrica). Sobre o resto da humanidade, não coloco a mão no fogo!

Brincadeiras à parte, eu estou pegando fogo com meus assuntos polêmicos! Falemos então de anjos. Calma, eu não esqueci da magia do caos. Já vamos chegar lá. Primeiro precisamos dessa introdução para saber onde estamos nos metendo!

O caoísmo não veio do nada. A humanidade já estava inventando muita coisa nos milênios anteriores. E sempre tiveram muitos Deuses do Caos nas mais variadas épocas e culturas.

Capítulo 3: Magia de Abramelin e Cabala



Por que um capítulo inteiro para a Magia de Abramelin?

Antigamente esse era um grimório quente no meio mágico. Atualmente já não sei se as pessoas falam mais nele. Essa mudança ocorreu de uns quinze anos pra cá.

Provavelmente, quanto mais cai a popularidade do cristianismo e do Caminho da Mão Direita, mais cai a popularidade dessa magia.

Como caoísta, você tem todo o direito de ignorar a magia de Abramelin, cristianismo, religiões indianas, meditação, cabala, astrologia, tarot, alquimia, hermetismo e tudo que quiser ignorar.

Caso sirva de consolo, é dito na biografia do Spare que Austin Osman Spare provavelmente não sabia quase nada de cabala. Tanto que ele perguntou para o Kenneth Grant o que eram qliphoth.

Você não precisa ter uma formação completa na Golden Dawn para praticar magia. E muito menos para ter desenvolvimento espiritual, ou os iletrados do mundo todo estariam condenados.

A propósito, no livro "A Cabala Mística" de Dion Fortune a autora tem um posicionamento curioso sobre os caminhos da Árvore da Vida. No Caminho da Flecha é dito que se percorre apenas o pilar central, da Suavidade, sendo esta a Via dos Místicos. E no caminho do Relâmpago há a associação de Tiphareth com Geburah.

A sephirah Tiphareth, da Beleza, possui grande importância na cabala cristã, pois é relacionada a Jesus.

Não por acaso, é em Tiphareth que ocorreria a conversação com o Sagrado Anjo Guardião. Antes de chegar lá só seria permitido a visão do anjo.

No livro "A Cabala" de Henri Sérouya temos a seguinte passagem:

"A sexta Sefira, Tiferet (Beleza), graças à sua posição central, é chamada o coração do céu"

Eu fiz uma associação desses caminhos com o budismo. No Caminho da Flor-de-lótus Vermelha há uma exigência maior de estudo e o progresso ocorre de forma gradual, exigindo mais tempo, só que é mais estável. No Caminho da Flor-de-lótus Branca é possível apenas meditar sem estudar, ou nem mesmo meditar. É possível atingir uma "iluminação instantânea" através de diferentes métodos.

O caminho vermelho é próprio do budismo Theravada, que possui um treinamento sistemático para avançar de um jhana para outro. Esse é meu tipo de budismo favorito, mais próximo do budismo original ensinado pelo Buda, e o mais antigo.

Pelo caminho branco você pode se iluminar de forma súbita, como ao escutar um koan do zen budismo. O Principia Discordia até faz troça disso.

O budismo terra pura diz que basta ter fé no Buda Amida e dizer o nome do Buda. É a via dos místicos, como o Caminho da Flecha.

Mas quem segue o Caminho da Flecha deverá passar pelo Abismo de Daath, que é uma etapa de sofrimento que irá nos purificar com fogo, para nos preparamos para chegar às emanações mais elevadas.

No meu livro anterior, "A Noite Escura do Caos', falei com mais detalhes sobre a noite escura da alma, por isso não irei detalhá-la aqui.

Possivelmente uma das manias mais irritantes em estudantes da cabala (que também existe em alguns estudantes de astrologia, tarot, etc) é tentar descobrir "em que etapa da evolução espiritual você se encontra", tentar te encaixar no diagrama deles e te considerar inferior ou superior por isso. A relação disso seria te julgar pela leitura do teu mapa astral ou das cartas do tarot.

Mas nós sabemos muito bem que nosso mapa astral não é nosso destino. Nós podemos atuar para mudá-lo, da mesma forma que nossa estrutura de DNA não é estática, mas dinâmica, e pode ser alterada dependendo da nossa interação com o meio ambiente (uma área fascinante da biologia chamada epigenética).

Achei suspeito quando Dion Fortune comenta que, como meio de invocar o espírito de Deus, o cerimonial é superstição, mas como meio de invocar o espírito do homem é psicologia pura. E o que ela quer dizer com isso? Que a magia deve ser interpretada de forma meramente subjetiva e psicológica, como forma de atingirmos nosso Eu Superior e não para contatar entidades de fora?

Vemos vários exemplos na Bíblia de pessoas se comunicando diretamente com Deus e a própria autora admite que Enoch foi arrebatado aos céus sem passar pela morte, chegando diretamente a Kether, inacessível aos mortais.

Sendo assim, interpreto a posição dela como mero preconceito ao cristianismo e arrogância em achar que os ocultistas sabem segredos que nenhum estudioso cristão ou judeu jamais sonharia.

Em geral esse é um mal dos ocultistas: pensar que são melhores que os outros porque leram muito e estudaram demais. Muitos teólogos cristãos, judeus e muçulmanos também leram e estudaram muito, mas eles ainda acreditam que a humildade possui algum valor.

Depois de ler livros de cristianismo no ano passado e me deparar com uma enorme quantidade de pesquisadores e exegetas extraordinários, eu me recuso a aceitar a arrogância dogmática de ocultistas que afirmam que "a nossa interpretação é a correta e a interpretação cristã é a errada". Está certo que os cristãos fazem a mesmíssima coisa, clamando que só a interpretação deles é a certa. Porém, ocultistas criticam os cristãos exatamente porque eles fazem isso, então não seria hipocrisia fazer exatamente a mesma coisa que eles criticam?

Eu acho ótima a visão dos ocultistas sobre a cabala, mas também acho ótima a visão cristã. Por que exaltar somente uma? Por que os ocultistas não podem, uma vez na vida, deixar o velho preconceito da infância a respeito do cristianismo e reconhecer que, sim, eles possuem coisas de valor a nos ensinar?

Mas voltando ao nosso tema, na alquimia também existe essa dualidade de caminhos. A via úmida é mais lenta e trabalhada usando fogo baixo. Ela é mais estável e tem menos risco de explosão, mas leva mais tempo. Por outro lado, na via seca se usa temperaturas maiores, é mais instável, leva menos tempo e há mais risco de explosão.

É interessante pensar que a alquimia sempre possuiu objetivos e metodologia diferentes da química atual positivista. O oratório e laboratório deviam vir em conjunto (ou seja, a reza e elevação moral junto com o trabalho prático).

A ciência deseja que seus experimentos possam ser replicados por supostas condições ideais e objetivas. No fundo, isso não existe. Numa operação mágica existem conjunturas únicas. O alinhamento dos planetas é ignorado pelos cientistas, mas é indispensável para o alquimista. O estado de espírito do alquimista e sua condição moral também são indispensáveis, para que seja considerado digno da graça de Deus.

No livro "História Geral da Alquimia" de Serge Hutin é dito:

"O historiador deveria evitar a tentação de aceitar sempre a imagem - tão popularizada pelos autores românticos - de sábios e inventores 'queimados em massa pela inquisição' durante a Idade Média. Ficaríamos até admirados com a extrema liberdade de opiniões que reinava no seio das universidades da Idade Média. Na realidade, essa época está muito longe de ser a época obscurantista e estupidamente fanática como preferem considerá-la os que se negam a pensar melhor no assunto"

Mas voltando para a cabala, temos este trecho do livro de Sérouya:

"O lugar ideal de cada uma delas [Sefira] na hierarquia não é rigoroso. A que está colocada mais baixo pode ser considerada, num certo sentido, como a mais alta"

É curioso como existem diferentes caminhos e formas de se chegar ao mesmo objetivo. Isso não significa que tudo é relativo, mas que podemos descobrir atalhos que condizem com nosso estilo de magia.

"Eu acho que reina o caos no universo e não a ordem. Não vê que ordem é uma ilusão que nosso cérebro constrói e só vê o que deseja ver?" dirão alguns. "Eu estudei muito e vi como tudo se encaixa, então fica claro que reina a ordem" dirão outros.

Mas interpretar o mundo tanto como ordem quanto como caos são paradigmas. Paradoxalmente, interpretar que ambas visões são paradigmas também é um paradigma. Sendo assim, talvez não sejam. Mas irei elaborar mais nesse sentido quando eu falar de teoria do caos.

E o que tudo isso tem a ver com magia de Abramelin? Ela surgiu no universo da cabala e no paradigma judaico-cristão. Entender o que são essas coisas é algo de valor.

Claro que pode dar certo a magia de Abramelin feita com os paradigmas do século XXI e encarando o anjo como algo interno. Por outro lado, eu considero que encarar o anjo como uma entidade externa pode ser mais importante do que preparar o óleo com os ingredientes corretos.

Eu não sei o que se passava pela cabeça do autor e o quanto de influências místicas e gnósticas ele possuía. Mas se ele possuía alguma influência da teologia judaico-cristã, que é obviamente o caso, a posição dele sobre a identidade do anjo me parece óbvia.

Faz muito tempo que não leio o grimório e penso que se eu o relesse hoje teria uma compreensão mais abrangente sobre os ensinamentos. Minha intenção aqui não é dizer o que você deve ou pode fazer, pois as instruções do grimório são claras sobre muitas coisas. Eu apenas gostaria de expressar algumas opiniões e fornecer a base teórica que as embasam.

É sempre uma armadilha tentar entender o que esses autores de grimórios medievais e renascentistas estavam pensando, pois eles misturam muitas influências. É claro que se o cara fosse realmente ortodoxo nem faria magias ou invocações. E muito menos chamaria demônios.

Algumas religiões antigas já falavam sobre interpretar certas entidades como algo interno. O próprio hinduísmo falava da questão dos paradigmas. Mas eu acho improvável que o autor da magia de Abramelin tenha se aprofundado em hinduísmo.

Podemos tentar pensar nas religiões gregas, egípcias e no próprio hermetismo. Você pode achar referências a interpretar uma entidade como o anjo de forma interna, mas aí reside mais uma armadilha.

Evidentemente, esse paradigma pode ser confundido com o paradigma psicológico dos séculos XIX e XX e eles não são a mesma coisa.

Na prática, é claro que nós não pensamos como os antigos gregos e egípcios. Nós temos dificuldade em acreditar em Deuses, anjos, demônios e na própria magia. Será que adicionar a essa descrença o paradigma psicológico pode ajudar ou atrapalhar?

Deixo para que cada um chegue às suas conclusões. Mesmo que no fundo todo o mundo material seja Maya, ou ilusão, como dizem os hindus e budistas, existe utilidade no paradigma dos espíritos.

Mesmo que você seja budista ou hindu, será que na prática você considera que você e seu carro são um, ou não existem? Não, no dia a dia você obtém os efeitos desejados quando os considera objetos separados.

E na prática, vale mais a pena considerar que o anjo é você mesmo (um aspecto interno, seu Eu Superior, sua alma, etc), ou que é um ser separado?

Imagine que você vai tocar um instrumento para você mesmo e para outra pessoa. Ou que vai colocar uma roupa para ficar sozinho ou para ver uma pessoa importante. Você irá caprichar muito mais se estiver com alguém, certo?

Por isso eu acho que enxergar o anjo como um ser externo faz com que levemos tudo mais a sério. Se o anjo sou eu e porventura eu tenho algum complexo de inferioridade, nem sei se terei altas expectativas para esse encontro. Mas se o anjo é um ser externo, antigo e respeitável, cara, você vai realizar uma preparação espetacular para esse momento.

Pode ser que seu raciocínio funcione de forma diferente do meu, mas é assim que eu penso. Eu nunca penso que anjos, Deuses ou servidores, são "apenas" imaginários.

É claro que, como diz Michael Kelly, não há nada de "apenas" na imaginação. Mas nós vivemos numa época em que levamos o

mundo material muito a sério e o mundo mental e espiritual é delegado para o segundo plano.

Seguindo esse raciocínio, a melhor forma de você levar um contato com entidades a sério é tentar materializá-la e exterioriza-la o máximo possível.

Dizer que ela está apenas na minha mente se não levo minha mente a sério não é muita coisa. Mas dizer que ela realmente está presente, mesmo que num outro plano espiritual (que pode ser ainda mais real que o mundo material)? Opa! Melhorou.

E ela pode vir para esse plano? Nossa! Até que ponto?

É difícil expressar o que de fato ocorre e até que ponto houve a junção entre os dois mundos. Como sempre, a linguagem humana falha.

Segundo a cabala e o hermetismo, Deus é apenas um e os Deuses menores, anjos e outras entidades são emanações do Deus único. Na verdade, o hinduísmo também tem esse ensinamento.

Isso significa que os gregos que cultuavam os diferentes Deuses e os hindus que cultuam Deuses específicos diferentes de Brahman estão fazendo algo errado? Esse seria um nível inferior e menos avançado de entendimento?

Aí pode entrar a arrogância dos magos e ocultistas que se dizem conhecedores da verdade. Mas é difícil expressar o que realmente ocorre em palavras.

Os ocultistas adoram ficar apontando as coisas erradas que estão na Bíblia. "Os gnósticos estavam certos na sua interpretação" eles dizem.

Eu fico cansada com essas brigas e eu defendo os cristãos porque eu vivi por muitos anos num meio de ocultistas atacando a visão cristã. Nos sentimos muito espertos fazendo uma exegese bíblica alternativa sem nem conhecer o significado da exegese convencional.

Cada um é livre para fazer a operação de Abramelin como achar melhor, interpretá-la como bem entender ou mesmo não realizá-la, sem prejuízo para seu desenvolvimento espiritual.

Eu só queria lembrá-los que a operação exige leitura diária da Bíblia ou outro livro sagrado, então se você lê a Bíblia como se estivesse mastigando um ovo podre, quem sabe seja melhor procurar outro grimório.

Tem gente que também odeia meditar e não há nada de errado nisso. Há outros caminhos.

É a velha questão que eu já tinha mencionado antes: quem gosta de meditar vai defender que meditação é a última bolacha do pacote. Quem gosta de estudar cabala pode acabar defendendo esse conhecimento como superior ao estudo da Bíblia, por exemplo.

Eu não sei se os ocultistas querem desenvolvimento espiritual ou se querem adquirir um penca de conhecimentos só para se gabar e se considerar mais evoluído que os outros.

É daí também que vem aquela briga de prática superior à teoria, que seria a via dos místicos. Eu entendo que essa concepção surgiu como reação aos magos estudiosos que se consideravam melhores que os outros porque liam muto.

A própria Dion Fortune defende a superioridade do Caminho do Relâmpago. Para mim, eles são apenas caminhos diferentes.

E será que devo me considerar melhor porque acho que os caminhos não seguem uma hierarquia, mas são diferentes? Aí que está: não.

A questão de analisar as vantagens e desvantagens de cada paradigma é complicada. É preciso tratar dessa questão com certa cautela.

Eu me divirto ao notar que nesse livro eu critico uma posição particular e depois percebo que meus argumentos são semelhantes aos que critico.

Gosto da magia do caos porque os caoístas se sentem confortáveis com contradições. A lógica está cheia de ciladas. E sabemos que, no fundo, somos mais influenciados por nossas emoções do que pela nossa lógica.

Não importa se gostamos mais de um argumento contra ou a favor da existência de Deus. Se nos sentimos bem que Deus exista, automaticamente ignoramos todos os argumentos contra sua existência. Se nos sentimos bem que Deus não exista, por melhor que seja o argumento a favor de sua existência, iremos prontamente ignorá-lo.

Já vi isso diversas vezes e eu também faço isso. Bertrand Russell, em sua trilogia "História da Filosofia Ocidental" se queixa que os filósofos cristãos medievais ignoram o que não condiz com sua fé em Deus, mas os ateus fazem exatamente a mesma coisa, ignorando o que não condiz com "sua fé na não existência de Deus".

Os ateus não gostam de chamar isso de fé ou crença e sim de falta de evidências científicas e todas as firulas do vocabulário da ciência que disfarçam o fato de que, sim, o método científico é um sistema de crença e foi elaborado inicialmente por filósofos católicos (Bacon e Descartes).

Esse método exige a crença inicial de que o mundo material é real. Ou que iremos considerá-lo real para fins práticos. A magia do caos herdou esse pragmatismo extremo.

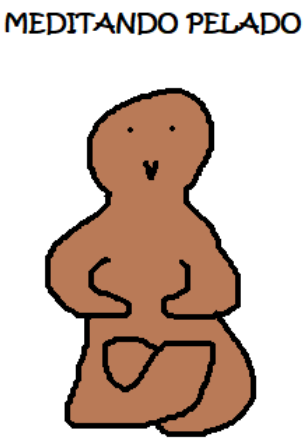
E por mais que eu critique o materialismo, o secularismo e o pragmatismo nesse livro, eu sou fã de muitos autores caoístas que veneram a ciência e o pragmatismo. Junto a isso, admiro autores cristãos ferrenhos.

Eu ligo pra isso? Não, porque eu sou caoísta e eu não acho contraditório admirar diversos autores com visões totalmente opostas.

Sim, às vezes (ou frequentemente) sou preconceituosa e intolerante em relação a várias coisas. Nem sempre faço questão de disfarçar, como fica claro nesse livro.

Vamos jogar outro jogo agora? Que tal... meditação?

Capítulo 4: Meditação e Perdão



Muitos ocultistas dos séculos XIX e XX ficaram fascinados com as religiões indianas. Muitos deles até as consideravam mais "avançadas" que as religiões ocidentais. Quanto a isso, não concordo, já que considero que cada religião tem uma abordagem diferente.

O cristianismo místico desenvolveu técnicas semelhantes à meditação. Para não falar do próprio judaísmo, islamismo, taoísmo e muitas outras.

Acredito que é próprio do ser humano descobrir as capacidades fantásticas que a alma e a mente oferecem. Quando eu estava começando na wicca testei uns exercícios de visualização que encontrei num livro e fui imediatamente fisgada.

Entendi que através daquilo era possível produzir ligeiras alterações no estado de consciência. Somente com aquelas sensações leves eu já fiquei satisfeita e emocionada.

E se fosse possível ir mais longe? É perfeitamente possível.

Assim como a magia de Abramelin ou praticamente qualquer outra técnica, repito que você não tem nenhuma obrigação em ser bom em meditação.

Muitos dos programas de treinamento de magia incluem técnicas de nível básico fundamentadas nos métodos indianos.

Evidentemente, a Índia não possui direitos exclusivos sobre essas técnicas. Diferentes civilizações através dos tempos descobriram o poder da respiração, da imaginação e de sentar quietamente perto da natureza.

No entanto, no meu entendimento, foram as religiões indianas que as refinaram ao máximo. Com isso não estou tirando o mérito de outros sistemas.

Do modo que vejo a magia do caos, ela é exatamente sobre isso: não se sentir obrigado a seguir nenhum caminho específico já traçado.

Alguém pode te dizer que a meditação, a invocação de Deuses, a divinação ou qualquer outra coisa proporciona a sensação mais incrível que você sentirá na vida. Podem argumentar que é o melhor sistema, o mais rápido, o mais simples, o mais aprofundado ou todos os adjetivos que queiram dar.

Você pode escutar todas essas sugestões e experimentar o que desejar. Mas a decisão final cabe a você.

É importante na vida aprendermos a trabalhar com nossa liberdade. Fazer escolhas implica abraçar a responsabilidade.

Você não precisa ter um conhecimento específico de magia só porque ele está na moda na sua época. Essas modas vão e voltam.

Às vezes Deus está na moda. Às vezes o diabo. Quem se importa? Enquanto o mundo gira e as pessoas giram com ele, você, se desejar, pode permanecer imóvel.

Isso é quase uma metáfora para a iluminação. Mas você não precisa buscar a iluminação se não quiser.

Haverá inúmeras forças ao seu redor trabalhando para te arrastar para diferentes caminhos. Quando nascemos, já somos cercados pelas expectativas das pessoas. A sociedade, nossos pais, amigos e conhecidos nos dizem certas coisas que podem nos afetar até certo ponto.

Talvez você possa tentar agradar todo mundo, mas jamais conseguirá. Primeiro aprenda a ficar feliz e satisfeito consigo mesmo.

Vamos supor que você não saiba nada sobre magia e queira iniciar seu treinamento. Há vários caminhos possíveis para seguir. E o caminho pelo qual você irá optar depende de onde você quer chegar.

Se você não sabe onde quer chegar, como disse o Gato para Alice, qualquer caminho serve, blá, blá, blá.

O truque costumeiro é ir testando o que aparece pela frente. Assim você vai descobrir ao menos o que não quer fazer.

É claro que nem sempre devemos desistir na primeira tentativa. É normal que consideremos chatos vários exercícios da primeira vez, quando ainda não pegamos o espírito da coisa. Até sexo pode ser chatíssimo e sem graça na primeira tentativa, então imagine o resto.

Existem duas habilidades que é importante adquirir: a capacidade de se concentrar num único ponto e a capacidade de ter a noção do todo. Julian Vayne é um autor que costuma focar na importância dessa segunda habilidade.

Quando estamos meditando, por exemplo, é fundamental aprender a desenvolver a superconcentração. Mas se estamos realizando, digamos, um ritual em que é preciso realizar diferentes movimentos, é bom possuir a noção geral do que está acontecendo. Se você fica focado numa coisa única, pode se distrair e não ter a percepção do resto que ocorre ao seu redor.

Se você está invocando ou evocando uma entidade, por exemplo, todos os seus sentidos físicos devem estar atentos, para captar uma mudança no som, no odor ou em qualquer coisa diferente.

Como se adquire habilidade em meditar, em evocar entidades ou em métodos divinatórios? A resposta é bem óbvia. Assim como em qualquer outra coisa, quanto mais vezes você repete, melhor você se torna, como regra geral. É claro que existem dicas que podem facilitar sua caminhada.

É como um jogo: você pode ler um guia que tornará as coisas mais fáceis. Se você gosta de desafios, pode não olhar guia nenhum e tentar descobrir sozinho. Esse é um caminho mais árduo, que pode gerar sofrimento, frustrações e costuma demorar bem mais. Você pode até perder sua motivação e desistir no meio do caminho.

O lado bom é que você irá desfrutar o sabor da conquista, de ter feito tudo sozinho.

Eu não acho errado ter um guia e receber dicas. Na magia, mesmo com dicas você acaba tendo que fazer a maior parte sozinho mesmo. Então quanto mais manuais você tem acesso, melhor.

Como caoístas nos sentimos tentados a fazer jogos. Afinal, gostamos de ter nosso próprio jeito de fazer as coisas.

Quem segue a filosofia oculta não costuma gostar daquele monte de regrinhas das religiões. Então por que no ocultismo você iria atrás de mais regras?

A questão é que existe um sentido em haver regras. Elas podem ser úteis. Faça seus testes. Use as regras que servem e descarte as que não servem.

Porém, se você está recém começando na magia, pode ter dificuldade de distinguir com clareza o que é útil ou inútil.

Sentir dores nas pernas na meditação, sentir dormência ou cãimbra não significa que você está fazendo errado. Ao contrário,

você está fazendo certo se ficou sentado tempo suficiente para senti-las. Isso significa que você deve ter meditado ao menos em torno de meia hora, que costuma ser um tempo mínimo para começar a estabilizar o corpo para a meditação, que inicialmente está muito agitado.

Existem diversas técnicas de meditação que você pode testar, desde as mais simples até as mais complicadas. Há meditação com mantras, com mudras, com asanas específicas, pranayama e tudo que possa imaginar.

Talvez alguém te diga que para meditar ou fazer um ritual primeiro você precisa tomar um banho, depois varrer o local, passar óleo na vela, acender incenso, etc.

Tudo bem, isso tudo pode ser útil. Mas eu não engulo essa história de que se você não seguir o passo a passo o ritual não dará certo (aliás, se higiene importasse tanto os indianos não seriam os mestres que são).

Eu penso assim porque eu lembro do que ensinam as religiões. Sim, existe uma maneira certa de rezar o rosário, mas é claro que Deus vai escutar se você simplesmente falar com ele com suas palavras. Nem precisa estar ajoelhado ou com as mãos juntas. Ele sempre escuta.

Isso não significa que é inútil se ajoelhar e juntar as mãos. Ajoelhar-se é um importante gesto de humildade. Você não deve rezar somente com a mente, mas com seu corpo inteiro.

De modo análogo, a posição ideal para meditar é a posição de lótus, mas não tem problema se você não consegue fazê-la. Um meio lótus ou apenas sentar-se também serve.

Seria tolo pensar que é imprescindível ajoelhar-se para rezar ou estar em lótus para meditar para que a meditação desse certo. Se fosse assim, pessoas sem pernas ou com problemas nos joelhos, problemas circulatórios, etc, que não podem fazer essas posições ou não podem ficar nelas por muito tempo estariam excluídas da salvação?

Não é bem assim. Nós indicamos a posição de lótus porque, dentre todas as asanas, ela é considerada a melhor: ela alinha a coluna, é a mais estável e a que te faz aguentar mais tempo. Deitados podemos dormir e a posição de pé pode ser um pouco instável. Andando podemos cansar.

Mas podemos alternar entre as várias posições possíveis, sem problemas.

Se você por acaso encontrar uma posição alternativa que considere ideal para meditar, pode usá-la, contanto que ela garanta certa estabilidade e não traga prejuízos a longo prazo para sua saúde.

Na meditação eu costumo me ater ao simples. Apenas sente e fique lá o máximo de tempo que conseguir. Isso é tudo.

Sinceramente, não acho que importe tanto o que você vai pensar enquanto medita. As pessoas ensinam coisas muito complicadas. Sim, você pode prestar atenção na sua respiração e isso é útil. Mas se achar isso chato e cansar, tente outra coisa.

Você pode olhar um ponto na frente dos olhos. Chato, não? Eu costumo pensar em qualquer coisa ou visualizar a mim mesma em algum lugar.

Por exemplo, eu me imagino numa floresta, passeando, contemplando a natureza, passando pelos animais, conversando com eles. Um troço meio xamânico.

Ou posso pensar qualquer coisa que me venha na cabeça, não me importo.

O ensinamento tradicional é que quando você perde o foco no seu objeto de meditação deve, gentilmente, retomar o seu foco. Tudo bem, pode ser.

Eu simplesmente não me estresso com isso. Se perdi a concentração, dane-se. Eu me divirto, acho engraçado. A meditação é meu momento de me divertir e não de seguir regras. Se eu quiser pensar na novela, posso passar a meditação inteira fazendo isso, sem ninguém me dizer o que posso ou não fazer.

Isso costuma dar bastante certo para mim. A parte física é um elemento fundamental da meditação. Na primeira hora da meditação não importa tanto o que você faz. Você apenas deve meditar com frequência para aumentar o tempo que você aguenta na mesma posição.

Quer coçar o nariz, trocar a posição das pernas? Faça isso, sem preocupação. Em certo momento você não sentirá mais vontade de se mexer. Nem sentirá mais seu corpo. A não ser que esteja com muita dor.

Começo a pensar em um monte de coisas na meditação, sem controlar nada, só deixo as imagens passarem. Até que naturalmente meu corpo fica imóvel e a mente parece estar vagando num lugar que nem sei mais.

Aí as coisas começam a acontecer. A mente começa a desejar ir mais longe.

Deixe que ela vá para onde quiser. Você pode ficar com medo, mas não é preciso ter medo. E se você tiver medo, não sinta culpa por temer. Ele pode ser o gatilho que altera seu estado de consciência.

Na magia eu sigo o seguinte princípio: posso fazer qualquer coisa com qualquer coisa. Se eu quiser fazer meditações, evocações ou divinações sem seguir nenhuma regra, eu faço.

E elas costumam dar certo e me deixam satisfeita. As pessoas se frustram porque querem fazer tudo perfeito. Eu provavelmente já fico satisfeita com qualquer coisinha pequena que consigo e me sinto animada para prosseguir, sem altas expectativas.

Quando você não tem expectativa nenhuma, qualquer coisinha que recebe já te deixa feliz.

Eu nunca tive grandes expectativas com magia. Eu nunca quis dominar o mundo ou ser capaz de adquirir grandes poderes (OK, alguns poderes pequenos até que seria legal, né?).

Eu só sabia que eu estava viva, que um dia ia morrer e que devia fazer alguma coisa para preencher esse tempo entre a vida e a morte.

Queria descobrir qual era minha missão, o que tinha mais a ver comigo. E pronto. A vida não tem grandes segredos, ou pelo menos é assim que vejo.

Muito simples. Estou respirando, preciso preencher o tempo de respiração. Um dia vou parar de respirar. E quando eu parar, outra etapa se inicia e talvez eu tenha outra missão. Quem sabe eu não tenha. Mas se eu não tiver e tudo terminar, por que se preocupar?

Na meditação, você consegue atingir estados de consciência profundos e acho isso fantástico. Será que atingir estados de consciência cada vez mais profundos é o objetivo da vida?

Para alguns, pode ser. E para outros não. Acabou.

Existem várias opções de coisas para fazer porque as pessoas são diferentes. Algumas pessoas querem casar e ter filhos, outras não. Alguns querem ser artistas e outros querem trabalhar num banco. Há quem prefira o cristianismo e outros não querem ter religião.

Tem gente que acha que o governo deve intervir menos na economia e outros acham que deve intervir mais. Eu posso gostar de rosa e você gostar de azul.

Talvez eu possa desenvolver uma teoria super complicada de que se todos gostassem mais de rosa o feminino seria mais valorizado (sei lá, estou inventando isso agora). Posso escrever muitos livros sobre isso e me convencer de que estou totalmente certa, principalmente porque achei milhares de estatísticas para validar minha posição e ignorei deliberadamente todas as estatísticas que mostravam erros no meu raciocínio.

Então eu começo a odiar todas as pessoas que não gostam de rosa e não falo mais com você se gosta de azul.

Isso pode parecer meio bobo, mas as pessoas já desenvolveram todos os tipos de teorias religiosas, políticas, científicas, sociais, econômicas, etc, que clamam ter a verdade.

"O que é a verdade?" perguntou Pilatos para Jesus. E Jesus não respondeu. Nós não somos capazes de ver a verdade, mesmo que ela esteja diante de nossos olhos.

Nós temos a ambição de encontrar a verdade. Então lemos muito e montamos uma teoria que achamos genial, ignorando todas as teorias opostas.

Logo percebemos que a verdade não está nos livros e nos retiramos para meditar no Himalaia em busca dessa verdade que não pode ser alcançada com palavras.

OK, nós alcançamos estados alterados de consciência, saímos do corpo e achamos tudo genial. Nós somos capazes de fazer viagens astrais, ter sonhos lúcidos, contatar Deuses.

Percebemos que o mundo material não é tudo que existe e ficamos deslumbrados com esse novo mundo que descobrimos. Podemos até nos apaixonar pelo mundo espiritual e decidir viver completamente nele.

Mas enquanto estamos vivos, mesmo se nos retiramos para viver numa caverna ainda é preciso fazer coisas básicas como dormir e comer.

Você pode aguentar até meses sem comer nada, mas normalmente iremos morrer se ficamos sem sono, comida e água por muito tempo.

Por que nos interessamos por espiritualidade? É porque queremos fugir do mundo material, porque ele nos traz dor, ou é porque desejamos descobrir uma forma de viver melhor nesse mundo?

Eu acredito que meditamos não para escapar do mundo material, mas para aprender coisas novas sobre o nosso corpo e sobre a realidade.

Não filosofamos e não nos interessamos por espiritualidade apenas para aprender a morrer. A morte é um momento da nossa vida. Para alguns é um processo que pode durar anos, meses ou semanas. Para outros, alguns dias, horas ou minutos.

Mas e a vida? Devemos lidar com décadas! Não vejo sentido em viver apenas em função da morte. Mas também não vejo sentido em ignorar completamente a morte e estar despreparado para ela quando ocorrer.

É claro que doença, dor e morte exigem muita maturidade. Mas aí voltamos à questão do perfeccionismo.

Eu não vejo problemas em temer a morte. Evolutivamente o medo tem um sentido, para nos proteger de predadores e outras ameaças. Faz parte do ser humano. Não precisamos nos livrar dele.

Podemos trabalhar com a questão do desespero, do pânico completo. Mas acho saudável ter um pouco de medo tanto da morte quanto da vida.

Eu percebi que muitas das minhas meditações e evocações deram certo de uma forma impressionante porque eu senti medo. Se eu estivesse distraída, achando que aquilo não era nada de mais, poderia não ter acontecido nada. O medo é um aliado poderoso.

Acredito que não devemos nos livrar completamente de muitas de nossas características. Temos nossa personalidade, nossas virtudes e vícios.

Pode ser que em algum momento consigamos nos livrar de um vício nosso e uma de nossas virtudes vá embora junto. É preciso ter cuidado com isso, pois há um sentido em sermos como somos.

Se somos perfeccionistas, talvez tenhamos a ambição de nos livrarmos completamente do medo da dor e da morte e enquanto não fazemos isso não ficamos em paz.

Eu tento não me preocupar com isso. Está tudo bem que tenho medo de muitas coisas. Devo lidar seriamente com isso se esse medo está me atrapalhando em várias atividades da minha vida diária, na tomada de decisões importantes, relacionamentos, etc.

Mas de forma geral, eu não tenho a ambição de ser perfeita. Aos poucos tento melhorar, no meu ritmo. Às vezes eu me sinto como uma lesminha sem pressa, sempre otimista. E quando sou pessimista, tudo bem, isso também faz parte.

Acho a vida muito bonita e acho nosso mundo belo. Tenho grandes esperanças em relação à humanidade.

Geralmente temos um inimigo imaginário que representa certas entidades: o inimigo cristão radical, o muçulmano fundamentalista, o capitalista que polui o meio ambiente, o preconceituoso, etc.

Mas quando conhecemos melhor muitas dessas pessoas, sem tentar julgar ou acusar, percebemos que elas têm lados bons. Elas não são monstros.

Todos nós temos um lado preconceituoso e intolerante, mas esses defeitos costumam ser mais visíveis nos outros.

E o que a meditação pode nos ensinar sobre tudo isso?

Quando meditamos percebemos que não somos seres isolados. Perdemos a noção de onde está nosso corpo, de tempo e espaço. Tudo para.

Nós nos sentimos integrados ao todo. Pode ser uma visão meio panteísta, mas notamos que somos um pouco de tudo. Estamos em tudo e tudo está em nós.

Então eu não sou apenas eu. Eu sou a cadeira, eu sou meu gato, eu sou o muçulmano, o capitalista, o socialista, o anarquista, o wiccano, o thelemita, o ateu. Embora os cristãos não sejam panteístas, eles dizem que todos fazemos parte do mesmo corpo místico de Cristo. Como todos estamos conectados, se rezo por alguém a reza pode ajudar a outra pessoa.

Algumas pessoas podem optar por passar a vida apenas meditando ou rezando. Outras podem trabalhar com computadores, outras lidando com pessoas, mais com teoria, mais com prática, etc. E todas essas coisas são importantes.

Por que será que brigamos? Porque queremos ter razão, queremos estar certos. Queremos provar que somos mais sábios, mais bondosos e melhores que os outros.

Por que não há espaço para todos, para várias ideias e pensamentos? Não precisamos concordar com tudo, mas é preciso haver diálogo.

Claro que isso é mais fácil falar do que fazer. Eu mesma às vezes me irrito com certas coisas que leio e me afasto.

Nós não aguentamos injustiças. Se vemos pessoas na pobreza extrema ou sofrendo preconceitos queremos lutar para mudar isso.

O problema é que muitas vezes buscamos um inimigo imaginário, um bode expiatório para colocar a culpa por todo o mal que acontece no mundo. Às vezes esse inimigo é o religioso fundamentalista, é o capitalista, o socialista, ou mesmo o cara que se abstém de interesses religiosos, políticos ou sociais simplesmente por se abster.

No livro "A Audácia da Esperança" Barack Obama diz o seguinte:

"Minha rejeição à autoridade acabou se transformando em capricho e autodestruição, e quando cheguei à faculdade passei a perceber como qualquer desafio à convenção trazia a reboque a possibilidade de seus próprios excessos e sua própria ortodoxia. Passei a reavaliar minhas crenças e relembrei os valores transmitidos por minha mãe e meus avós. Durante esse processo lento e vacilante de reavaliação, comecei a observar silenciosamente as conversas de meus colegas no dormitório da universidade; depois parei de pensar e passei a repetir os mesmos jargões: as denúncias contra o capitalismo e o imperialismo americano, a necessidade de libertação dos grilhões da monogamia ou da religião, sem entender completamente o valor de tais grilhões. O papel de vítima era muito cômodo como meio de encobrir a responsabilidade, garantir direito de posse ou alegar superioridade moral sobre os vitimados em menor escala"

Há algo errado no mundo e o problema nunca sou eu. São os outros. Eu sempre faço tudo certo, sou perfeito, sou uma pessoa sem preconceitos, com grande tolerância religiosa, minha posição

política é exemplar, sou um cidadão que trabalha e ajuda o mundo mais que todos os outros. Será que é bem assim?

Eu acredito que meditar pode ser uma das formas de buscar paz com nós mesmos e com o mundo. Existe até uma meditação chamada "metta" ou "amor-bondade" na qual focamos no amor. Aprendemos a amar a nós mesmos e os outros.

Acredito que amar a nós mesmos pode ser uma coisa difícil. Inconscientemente nós buscamos um inimigo do lado de fora para culpar por todos os males do mundo porque não queremos assumir essa responsabilidade.

Nós muitas vezes não nos amamos com sinceridade, mas temos apego a nós mesmos: apego ao nosso corpo, ao nosso modo de pensar e nos negamos a mudar quando é necessário, porque pode causar dor.

O melhor é admitir que não somos perfeitos e cometemos erros. Não devemos ter a ilusão de que um dia seremos perfeitos e não cometeremos mais erros. Ao menos nessa vida isso é algo quase impossível de obter. Em vez de focar nas coisas complexas, por que não começar pelas coisas simples?

Perdoar a si mesmo é o começo da jornada. Os cristãos falam muito em perdão. No meio da missa batem no peito e dizem: "Minha culpa, minha tão grande culpa" e se confessam. Numa confissão, os cristãos não culpam os outros, mas falam apenas dos próprios erros que cometeram e pedem perdão.

Agora que muitos de nós não somos cristãos, perdemos a noção da importância do perdão e da humildade. Tudo sempre começa quando perdoamos a nós mesmos. Se não somos capazes de perdoar a nós mesmos, como vamos perdoar os outros?

Em primeiro lugar devemos reconhecer: sou humano e cometo erros. Eu perdoo meus próprios erros e tentarei melhorar. Mas não nutrirei grandes ilusões de que um dia serei muito melhor do que sou hoje. Caminharei um passo de cada vez e irei celebrar cada pequena vitória.

Se eu errar noventa e nove vezes num dia e acertar apenas uma, já será razão suficiente para agradecer e terminar o dia com um sorriso.

Se agimos dessa forma em relação a nós mesmos, será mais fácil perdoar os erros dos outros e olhar com alegria para seus acertos, mesmo que sejam poucos.

Então, se você não sabe no que meditar, aí está uma sugestão. Você pode separar um dia, ou os primeiros quinze minutos da meditação, para perdoar a si mesmo e enviar amor para si. Depois irá enviar amor para seus amigos, familiares e outras pessoas próximas. Por último, o mais difícil, irá perdoar e amar seus inimigos, como fazem os cristãos.

Para isso os cristãos dizem: "odeie o pecado e não o pecador".

O budismo tibetano também está repleto de meditações para o amor. Numa delas, você imagina diferentes pessoas como se tivessem sido sua mãe na vida anterior. É um bom exercício para aprender a amar todos (ou ao menos aspirar a isso).

Pode ser que você siga o Caminho da Mão Esquerda ou alguma outra linha do ocultismo que não te ensine a amar a todos. Mas eu digo: o primeiro passo é aprender a amar a si mesmo. Esse é o princípio de tudo.

Tudo isso é muito complicado, pois no dia a dia brigamos até com as pessoas que amamos, como família e amigos, muitas vezes por bobagem. E frequentemente por orgulho. Não queremos pedir desculpas, pois achamos que não fizemos nada de errado.

Mais uma vez, meditação pode ajudar nisso: é o momento de sentar, respirar, se acalmar. Antes de dizer palavras que podem machucar os outros e a nós mesmos.

Mas meditação não é um remédio mágico e milagroso. Às vezes estamos profundamente irritados, tristes ou com muita dor e não somos capazes de sentar para relaxar nem por cinco minutos.

Nesses casos, pode ser que precisemos caminhar um pouco, estar em movimento. Assistir um filme, jogar alguma coisa, ou

apenas deitar em silêncio. Não sei. O mundo é cheio de opções de coisas para fazer, mas às vezes nos sentimos tão mal que não queremos optar por nenhuma delas.

Mas isso também passa. Todas as coisas passam. Na vida tendemos a nos focar nas pequenas coisas desagradáveis que acontecem em vez de nos focarmos nas muitas coisas certas que não valorizamos.

Então quando tivermos um dia péssimo, um bom exercício é escrever todas as coisas certas que deram naquele dia ou nos dias anteriores.

Na magia de Abramelin o objetivo é purificar cada vez mais a si mesmo para nos tornarmos dignos de receber a presença de nosso Sagrado Anjo Guardião. No fundo, podemos tentar melhorar a nós mesmos para nos tornarmos dignos de receber a presença das extraordinárias pessoas que estão ao nosso redor.

Você já deve ter ouvido falar que é comum que anjos se disfarcem de pessoas comuns, principalmente de pessoas pobres e simples, para nos testar. A Bíblia relata o episódio em que o anjo Rafael faz isso.

Nós tendemos a considerar Deuses, anjos e o mundo espiritual que atingimos na meditação como algo superior ou mais sagrado que o mundo material. Mas também devemos aprender a valorizar a matéria. Talvez exista uma razão de estarmos vivos por algumas décadas nesse mundo material e com esse corpo.

Talvez não exista razão nenhuma. Mas devemos preencher nosso tempo de alguma forma. Não sei quanto a vocês, mas culpar a nós mesmos e os outros pelas coisas erradas que nós e os outros fazemos não parece ser um hobby muito proveitoso nem mentalmente e nem espiritualmente.

A nossa intenção com isso até pode ser boa, que é melhorar a nós mesmos, o mundo e as pessoas ao nosso redor. Mas devemos ter paciência. O mundo e as pessoas não mudam de um dia para o outro. Todos somos teimosos.

Queremos ser perfeitos e exigimos que os outros também sejam. Mas se já somos perfeitos não há caminho, não há jornada, jogo ou desafio.

No hinduísmo é dito que o mundo é Maya e que estamos vivos porque os Deuses inventaram um jogo e se divertem com ele.

Pode ser que nossa vida seja um jogo e que sejamos colocados diante de diferentes tipos de testes. Se isso é verdade, que teste será esse?

Será o teste de quem lê mais livros? Acho que não. Será o teste de quem medita mais? Não me parece ser nenhuma dessas duas coisas, já que existe muita gente que não sabe ler e nem meditar. Ou simplesmente não tem tempo e energia para isso.

Ler pode nos ajudar a compreender diferentes pontos de vista, paradigmas, culturas e visões de mundo. E meditar também pode fazer com que possamos ir além de nós mesmos.

Mas há várias outras formas de fazer isso. A mais simples delas é ter um amigo e simplesmente conversar com ele! Ou conversar com familiares, conhecidos, etc.

E depois? Aprendemos a viver, da melhor forma possível. Devemos aprender a conviver com o diferente, pois as pessoas não pensam da mesma forma que nós. Elas tiveram experiências de vida diferentes.

Muitas pessoas irão discordar de algumas ou de várias coisas que falei nesse livro. Mas isso é normal. Eu ficaria terrivelmente assustada se alguém concordasse com tudo que falei aqui, pois significa que há um clone meu em algum lugar. Espero que eu não tenha nenhum clone, pois já é difícil lidar com apenas uma Wanju.

É difícil sair de dentro de mim mesma para ver o mundo de outra forma da que vejo hoje. Por isso existe algo chamado outras pessoas e algo que é possível fazer com elas chamado conversar.

Claro que podemos fazer várias coisas com as pessoas para aprofundar nossos relacionamentos. Não podemos ser amigos de

todos, há muita gente no mundo! É natural formarmos nosso clubinho de favoritos.

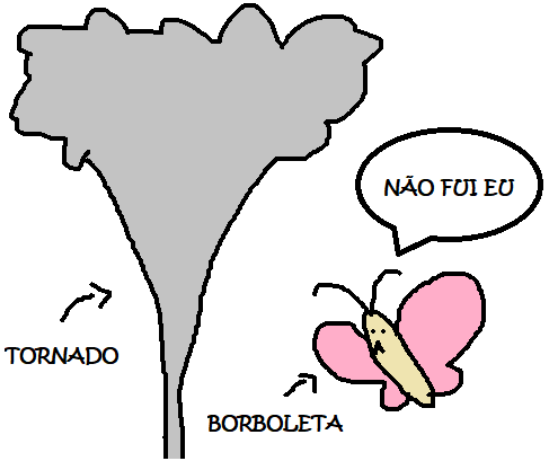
Não há nada de errado nisso. Até Jesus tinha seu clubinho de discípulos escolhidos! Para os discípulos ele ensinava as coisas de uma forma mais aprofundada. Para as pessoas em geral falava em parábolas, pois cada um compreende de um modo.

Alguns sentem a vida e se integram nela meditando, rezando, jogando, plantando, ensinando, dentre muitas outras opções.

Parece haver certa ordem e sentido no mundo quando paramos para pensar. Será que as coisas são assim?

Então vamos falar um pouco de caos.

Capítulo 5: Teoria do Caos



Eu realmente não sou a maior fã do sistema da divisão de livros em capítulos. Eu adoro ir de um assunto para outro de repente e os capítulos são uma gaiola para mim. Mais um pouco e irei jogá-los para os ares.

Eu gostaria muito de desenhar para vocês numa folha de papel e pintar com lápis de cor em vez de fazer no Paint, mas normalmente tenho preguiça para isso.

Então falemos um pouco sobre a teoria do caos antes que eu mude de assunto.

A magia do caos e a teoria do caos nasceram mais ou menos na mesma época, de forma independente, sem que uma coisa tivesse relação com a outra.

Tanto que normalmente os autores de magia do caos nem mencionam a teoria do caos. Uma das únicas autoras que conheço que mencionam é a Jaq D Hawkins.

Os magistas do caos são assim: escolhem suas áreas favoritas e elas acabam ficando famosas no caoísmo devido a preferência de uns poucos.

Na magia do caos nós só falamos do Austin Osman Spare e do Lovecraft por causa do Kenneth Grant. Se não fosse ele, acho que nós nem conheceríamos o Spare e talvez nem trabalhássemos com sigilos da forma que fazemos hoje.

Nós trabalhamos com servidores um pouco por causa de Phil Hine, que escreveu um livreto sobre eles. E é óbvio que a física se tornou popular no caoísmo por causa do Peter Carroll.

A magia do caos pode abraçar qualquer sistema de crença e adaptar. E você também pode inventar o seu.

Você não está sendo "mais caoísta" se fala de sigilos. Você está apenas usando o sistema de Spare. Você tampouco está sendo mais caoísta se fala de servidores ou de Lovecraft. Talvez você tenha lido os livros de Phil Hine sobre servidores e sobre Lovecraft. Ou o último livro do Peter Carroll, o Epoch. Recentemente Carroll criou um sistema de jogo de tabuleiro para evocar os Grandes Antigos. Bem bacana. Veja lá no Specularium. Você também pode criar seu próprio jogo para evocar qualquer coisa que quiser.

Escolha seu jogo de videogame preferido, seu filme, série ou livro de literatura. Vá lá e evoque os personagens, à vontade!

Isso se chama "pop magic" que foi bastante explorado por Taylor Ellwood. Não é algo que pertence somente ao Grant Morrison.

Para ser um caoísta você não precisa ser especialista em nenhuma religião ou sistema de magia. Não precisa nem mesmo saber sobre os sistemas mágicos em voga dentro do próprio caoísmo.

O que é bom ter são noções de como a filosofia do caoísmo funciona. Ele é um metassistema: um sistema de criar sistemas.

Mas até um metassistema pode ter certas regras e limites, ou ao menos alguns direcionamentos.

Sabemos que a forma de ver a física, a biologia e muitas áreas do conhecimento mudou com as descobertas do século XX. Particularmente devido à teoria da relatividade, teoria quântica e descoberta da estrutura do DNA.

Não estávamos mais olhando para o mundo pela ótica newtoniana. É claro que muito do que Newton disse ainda vale. Mas aos poucos íamos testando paradigmas diferentes, que lidavam com uma geometria não euclidiana.

Montanhas não são cones perfeitos. A natureza não segue uma matemática exata e uma física que despreza a resistência do ar para seus cálculos.

Na meteorologia é difícil fazer previsões exatas, pois o tempo pode ser alterado por inúmeros fatores e uma pequena alteração em apenas um deles pode mudar o rumo de todo o resto.

Os ocultistas sabem como é difícil prever o futuro. Podemos estudar astrologia, tarot e outros métodos divinatórios. Pode estar tudo escrito lá, mas nós temos a capacidade de alterar nosso destino.

Nas religiões, essa questão de prever o futuro foi sempre uma pedra no sapato. Dizem os cristãos que Deus já sabe de tudo o que vai acontecer conosco, de antemão. Mas se Deus sabe, nossas escolhas são livres? Temos livre-arbítrio? E qual é o sentido de viver se tudo já está determinado?

Dizem que Deus se encontra fora do tempo. Nós estamos presos no tempo do relógio, kronos. E os seres espirituais, como os anjos, estão em kairos. Por isso eles conseguem se mover quase instantaneamente de um lugar para outro e ajudar várias pessoas quase ao mesmo tempo. Eles não estão presos pelas barreiras de tempo e espaço, como nós.

Como eu já disse antes, nós normalmente tendemos a prestar mais atenção no que a física nos diz sobre o funcionamento do

tempo do que outras áreas do conhecimento, como filosofia e teologia.

Mas é importante ressaltar que há muito tempo na filosofia e na teologia já se falava sobre relatividade do tempo, muito antes de Einstein e outros cientistas formularem essas ideias. É isso que dá quando os cientistas ignoram os outros saberes, como se fossem reis. Não há diálogo suficiente entre os diferentes especialistas e se perde a capacidade de ter a visão generalista.

Seria possível prever o futuro se nos movemos de kronos para kairos, por exemplo. Na meditação alteramos o estado de consciência e muda nossa noção de espaço e tempo. Por isso nesse momento é possível adquirir alguns dos chamados poderes sobrenaturais, dentre eles a visão do futuro.

No Efeito Borboleta existe uma sensibilidade às condições iniciais. Como já foi dito, pequenas mudanças iniciais em uma das causas já pode alterar o resultado de forma surpreendente.

Existem sistemas que são mais sensíveis ou menos sensíveis a esse estado inicial das coisas. Se eu levo uma vida ordenada é mais fácil prever o que vai acontecer a seguir. Se eu levo uma vida caótica, muito mais complicado.

Normalmente pensamos que o universo segue certas leis e que elas podem ser previstas de antemão. A ciência se baseia nisso para praticamente qualquer coisa: o correto funcionamento de uma máquina, curar uma doença, etc.

No entanto, a teoria do caos nos mostra que alguns eventos podem ocorrer de forma aleatória. Mas o que será que queremos dizer com "aleatório"? Que simplesmente não conhecemos as causas?

Em seu livro "A Teia da Vida" Fritjof Capra usa um exemplo interessante. Pense, digamos, num saco com duas areias de cores diferentes, de mesma quantidade, perfeitamente separadas. Naquele momento o sistema está ordenado.

Comecemos a misturar as duas areias. Agora o sistema está caótico, pois é difícil prever em que posição os grãos de cada cor estão em determinado momento.

Finalmente, todos os grãos se misturam totalmente, de modo que temos agora uma única cor de areia, resultado da mistura das duas. Agora o sistema, a partir do caos, passou espontaneamente para a ordem mais uma vez.

Isso mostra que um sistema caótico não irá permanecer no caos para sempre. Ele pode, espontaneamente, partir para um estado de ordem. Da mesma forma, algo ordenado pode caminhar para o caos.

Normalmente não gostamos do caos, porque ele incomoda. Não temos o controle sobre ele, não sabemos quantificar ou prever o que está acontecendo. Ele é mais sobre qualidade do que sobre quantidade.

O caoísta se sente à vontade no caos. Ele não se incomoda que certas coisas não tenham uma explicação lógica ou um processo simples de causa e efeito.

O mago do caos pode sim obter ordem a partir do caos. Não é só porque ele transformou a ordem em caos que as coisas permanecerão assim para sempre.

Às vezes basta confiar que a aleatoriedade dos eventos irá caminhar naturalmente para a ordem se você der tempo ao tempo e tiver paciência. Isso não significa que você não fará nada para mudar. Você fará a sua parte, mas depois de feita não irá mais se preocupar e se estressar.

Pegue o exemplo dos sigilos. Você lançou seu sigilo e não sabe direito como ele funciona. Os sigilos antigos, antes da época de Spare, que seguiam o sistema da Golden Dawn, eram feitos baseando-se no alinhamento dos planetas, cores, formas e outras correspondências, de acordo com a entidade que se ia trabalhar. Tudo seguia uma ordem impecável.

Spare propôs um sistema espontâneo de sigilos que trabalha muito mais com a intuição do que com uma ordem determinada.

Você embaralha as letras e o carrega magicamente, deixando seu inconsciente trabalhar. Tudo o que Spare fazia era tocar o papel de sigilo na testa para carregá-lo. E pronto.

Esqueça o sigilo agora. Vá fazer suas coisas. A magia está lançada. Em vez de querer controlar tudo, deixe o caos trabalhar. Eventualmente, o caos caminhará para a ordem. Não do jeito que você quer, mas do jeito que as coisas devem ser.

Na meditação perder essa obsessão por ter o controle também é algo fundamental. Você apenas observa sua respiração e seus batimentos, sem tentar mudar as coisas. Apenas se acalma e viaja para onde seu espírito te levar.

Existem técnicas de meditação com mais ou menos controle. Afinal, se você não quer mesmo ter controle nenhum e confiar no caos, não faça magias! Apenas vá vivendo, fazendo sua parte e tenha o otimismo que no fim as coisas vão dar certo.

Em parte, penso que vem daí a diminuição na minha frequência de fazer feitiços e o aumento do meu otimismo. Às vezes minha vida está caótica. Tudo bem, isso não vai durar, pois o caos eventualmente pode caminhar para a ordem. E quando a ordem impera, não preciso ficar tão alegrinha, pois eventualmente o caos voltará e poderei saudá-lo.

A vida pode ser vista como uma alternância de caos e ordem, como numa dança. Alguns interpretam que esse caos é apenas aparente e que Deus tem o controle de tudo que está acontecendo e tem seus planos em que tudo se encaixa. Outros interpretam que toda ordem é uma ilusão e tudo é um caos completo sem sentido.

Todas as visões são empolgantes e podemos trabalhar com todas elas para ter diferentes resultados.

Ser caoísta não significa necessariamente acreditar que tudo é caos. É trabalhar com diferentes paradigmas e sentir-se à vontade tanto no caos quanto na ordem.

Qualquer caoísta ainda pode trabalhar com as velhas religiões e sistemas de magia. Sinta-se livre para ler um grimório medieval e evocar os bichinhos deles. Mas preste atenção que se esse grimório foi escrito na época medieval ele seguia o paradigma dos espíritos. A não ser que você queira fazer um experimento de usar um paradigma diferente e ver os resultados, é bom prestar atenção nisso.

Você pode seguir as regras da astrologia, mas não está preso a elas. Nesse sentido podemos dizer ao caoísta que ele pode fazer o que quiser. Mas ele não pode reclamar que seus feitiços não estão dando certo se ele mistura tudo absolutamente sem nenhum critério. A não ser que sua meta seja simplesmente a diversão. Nesse caso, ele terá seu resultado.

Magia com resultados não significa fazer apenas magia "que funcione". Afinal, a falha também tem muito a nos ensinar. Se você quer se tornar um bom feiticeiro, aumente seus acertos e diminua suas falhas. Se quer se tornar um bom mago, aprenda a conviver com suas falhas, independente de eliminá-las completamente de sua vida.

Isso é uma questão pessoal. Vivemos numa época em que você ganha se aumenta seu prazer, conforto e dinheiro. Um bom mago "ganha na vida" de muitas formas, conseguindo o garoto ou a garota bonita, o carro do ano, etc.

Mas esse é apenas um paradigma. Em muitas religiões há o conceito de abandonar o mundo ou mesmo aqueles que ainda vivem no mundo podem realizar austeridades ou mortificações.

Jejuns ainda são muito populares em várias religiões, como o jejum cristão da Quaresma e o jejum do Ramadan no islamismo.

Pode ser que um mago deseje aumentar sua dor e usá-la como mortificação tendo em vista um desenvolvimento espiritual. Por isso na magia do caos existe o conceito de gnose inibitória e excitatória. Você pode obter alteração de consciência pelo movimento ou pelo repouso, pelo prazer ou pela dor.

As religiões ensinam que existe um sentido em ter dor. Ou se não há podemos criar um e usar a dor ao nosso favor em diversas situações.

Por exemplo, quando dormimos mal, pouco, de luz acesa e em horários inadequados podemos ter paralisia do sono e aproveitar para fazer uma viagem astral.

Alguns podem provocar esse estado para ter viagens astrais com mais frequência, mesmo que não seja saudável. Vai de cada um.

É comum que em livros de ocultismo exista um capítulo sobre saúde, alimentação correta, repouso, etc. Acho que vou escrever um capítulo desse tipo, por mais controverso que esse tema seja.

Capítulo 6: Alimentação, Sono e Saúde



Eu fui vegetariana por dez anos e vegan por uns três anos. Faz uns anos que voltei a comer carne. Conheço os dois lados e sei como existem pessoas chatas em todos os lados, pelos mais variados motivos.

Seja por motivos de saúde, éticos, ambientais e pelas mais variadas razões, há pessoas abanando bandeira para um tipo de alimentação específico.

Existem argumentos científicos em relação a certos alimentos, argumentos éticos para outros, etc. Quanto a isso, tudo bem.

Há pouco tempo li um livro em que a autora vegetariana constantemente acusava os "carnívoros" de poluir o meio ambiente e defendia que comer carne causava violência. Confesso que não fiquei muito feliz com as acusações e nem com os argumentos.

Alimentação é um campo de guerra. É uma confusão. Eu fico triste ao ver isso.

Quando li a autobiografia do Gandhi vi como ele se esforçava para manter uma alimentação crudívora e frugívora. Ele tinha suas razões, mas nem por isso ele acusava seus amigos ocidentais por comer carne.

Todos devem ter a liberdade de fazer suas escolhas alimentares, de sono, de profissão, de parceiro e de muitas outras naturezas sem ter que ouvir moralistas o tempo todo dizendo o que eles devem ou não devem fazer.

Eu tenho minha opinião sobre alimentação com base nos livros que li e você tem as suas. Da mesma forma, tenho minhas opiniões religiosas, políticas, etc, com base no que li e vivi.

John Hunter era um cara que passou a vida inteira dormindo somente umas três horas por dia. São Tomás de Aquino também fez algo parecido. Eles eram obcecados no que faziam. John Hunter queria estudar anatomia e fazer dissecações o tempo todo. São Tomás de Aquino queria escrever seus livros gigantescos de teologia.

São Tomás de Aquino morreu aos 49 anos e John Hunter aos 65 anos. Claro que eles viveram em outra época e a questão do sono não é a única que influencia. Mas eu tenho certeza que se eu dissesse pra esses caras que eles poderiam ter vivido, vamos supor, dez anos a mais (estou inventado) se tivessem dormido 7 ou 8 horas por dia, eles não estariam nem aí. Preferiram viver intensamente da forma que queriam do que se preocupar o tempo todo com a saúde.

E eu concordo que saúde não é necessariamente a questão principal que devemos levar em consideração. Há outras coisas na vida.

É normal que desejemos dormir tarde para ter mais tempo para aproveitar o dia. Isso é absolutamente comum e bastante humano,

por mais que alguns possam defender que "é muito melhor e mais saudável dormir cedo e acordar cedo".

Há pessoas que funcionam melhor à noite, são noturnas. Há inclusive empregos no turno da noite para essas pessoas.

Cada um é diferente e não é porque eu ou você gostamos de dormir e acordar cedo que todos gostam.

Eu concordo que dormir oito horas por noite, de preferência no mesmo horário todo dia para acostumar o relógio biológico, seria o ideal. Mas nós não temos vidas ideais e ocorrem coisas imprevisíveis.

Há pessoas com vários empregos, muitos filhos, muitas responsabilidades, que simplesmente não conseguem atingir esse ideal.

Outras podem ter muito tempo disponível, mas simplesmente não querem.

Eu às vezes durmo cinco horas por noite, mas sempre tento dormir pelo menos sete. Nos fins de semana tento recuperar o sono perdido, dormindo às vezes nove ou dez horas seguidas.

Essas coisas variam conforme a época da minha vida. Acho que todos entendemos que não é legal ficar caindo de sono durante o dia e dormindo no ônibus, perder a parada, essas coisas.

Existem mortificações religiosas que lidam com supressão do sono, chamadas de vigílias noturnas. Quem realiza essas práticas obviamente deve estar atento para os potenciais danos à saúde, principalmente se feitas com frequência.

Quanto aos jejuns, existem vários tipos: jejuns em que se tira somente os doces, somente a carne ou que se tira todos os alimentos, restando apenas água. E há aqueles que tiram até a água.

O jejum sem doces só possui benefícios para a saúde. Tirar a carne de um onívoro por curtos períodos também não apresenta maiores problemas. O jejum apenas com água deve ser feito por no máximo poucos dias para quem não está acostumado. E o

jejum sem nada deve ser realizado com o máximo cuidado, já que não podemos ficar muito tempo sem água.

Nunca fiz o jejum sem água para poder comentar a respeito, mas os muçulmanos teriam muito a contar. Já fiz o jejum apenas com água por um, dois ou três dias. É relativamente fácil e o maior desafio, mais do que a fome, costuma ser a vontade de comer, por mero hábito.

Claro que se aumentarmos ainda mais o tempo de jejum a fome será o maior dos problemas.

Algumas pessoas não curtem fazer jejuns. E não há nenhum problema nisso. Eles não são necessários para o desenvolvimento mágico. Apenas opcionais, como muitas outras coisas.

Quem está tentando emagrecer e deseja realizar experimentos alimentares, pode aproveitar a ocasião para fazer algumas magias e carregar sigilos, por exemplo. Pode ser divertido. Assim, o que poderia se tornar uma experiência desagradável pode adquirir um significado maior.

Questões de alimentação, sono e saúde são totalmente particulares. Há aquela velha recomendação de desencorajar as pessoas de consumir fast food, doces e outras "porcarias". Todos sabem que essas coisas fazem mal à saúde e esse discurso é meio repetitivo.

Se estamos realizando algum procedimento mágico específico, pode ser legal restringir certos alimentos, que podem ficar ao seu critério: café, chocolate, carne? Como você se sente consumindo carne? Ou café? Se não faz muita diferença, faça sua magia sem tirar isso. Se você se sente melhor tirando um alimento específico temporariamente, se isso aumenta sua concentração, bem-estar, etc, programe-se para retirar esse alimento na ocasião do feitiço.

É sempre importante ressaltar que os tipos de alimentos que consumimos contribuem para nosso estado de humor. Quem anda muito triste ou com depressão, por exemplo, pode cuidar mais com suas escolhas alimentares.

É claro que a alegria ou a tristeza dependem de fatores complexos, não apenas fisiológicos. Mas a produção de hormônios pelo nosso corpo, incluindo os chamados hormônios da felicidade, depende diretamente daquilo que comemos.

Quando comemos muito açúcar, por exemplo, podemos ter um pico de felicidade, seguido por uma queda súbita, já que a insulina sobe muito e depois desce rapidamente. Sendo assim, o consumo de açúcar e carboidratos quando estamos tristes pode ser uma armadilha. É uma alegria rápida seguida por um subsequente estado de apatia.

Sendo assim, redução de consumo de açúcar e carboidratos (principalmente em sua forma líquida, como refrigerantes, sucos, açúcar no chá e no café, etc), incluindo pão e massas, é meu conselho principal se buscamos mais saúde e manter um bom estado de humor.

OK, vamos mudar de assunto, hehehe.

Capítulo 7: Política, religião e preconceitos



Dizem que política, religião e esportes são os três assuntos mais polêmicos.

Eu não entendo de esportes, então vamos resumir:



Acho que é basicamente isso sobre esportes.

Sobre religião, eu passei pela minha época de não gostar do cristianismo, mas depois eu superei isso.

Algumas pessoas não querem superar isso e está tudo bem. Eu só queria lembrar que tanto os cristãos como os muçulmanos formam um grupo extremamente heterogêneo e querer colocar tudo no mesmo saco pode ser um pouco precipitado.

A respeito de política, é um tema bastante delicado. Eu conheço superficialmente os argumentos principais de um lado e de outro. Ou quando há mais de dois lados, muitas vezes são variantes desses.

O que eu tenho a dizer sobre isso é que se política fosse um assunto tão simples e óbvio de mocinhos de um lado e vilões de outro não daria tanta confusão.

Existem bons argumentos tanto por parte de anarquistas, capitalistas, socialistas, pessoas de esquerda, direita, centro, diagonal, girando e depois rebolando, etc.

A questão é ter interesse em se informar mais a fundo a respeito desses argumentos em vez de considerar apenas como mais do mesmo.

Eu tendo a seguir uma linha mais pacifista estilo Gandhi, Tolstói e Martin Luther King, inspirada por religiões.

Por outro lado, eu entendo os argumentos daqueles que exigem mudanças imediatas. Claro que algumas dessas mudanças imediatas podem ser feitas sem violência.

A Segunda Guerra Mundial já foi chamada de "Guerra para pôr fim a todas as guerras". Sempre achamos que basta mais essa guerra, mais essa revolução armada e estará tudo resolvido. Viveremos num mundo ideal.

Mas não é bem assim. Se fosse fácil, isso já teria sido resolvido há muito tempo. Tendemos a nos achar geniais e pensar que

descobrimos coisas que ninguém mais pensou. Estamos subestimando as pessoas, principalmente as que viveram séculos ou milênios atrás.

Já li livros de filósofos antigos falando sobre política ou mesmo livros de política dos séculos XXI e XX. Não irei citá-los e comentar sobre eles aqui, assim como decidi não citar no capítulo anterior os livros de nutrição que li. Decidi fazer isso porque esse é um livro de magia e não de nutrição ou política. Cito esses dois temas para falar da importância de mudança de paradigma.

Sobre a questão do preconceito, é um tema não menos espinhoso. A maior parte de nós não é a favor de preconceitos contra gays, negros, mulheres, etc. Só que às vezes nós criticamos abertamente quando vemos manifestações desses preconceitos de maneira ainda mais violenta do que aqueles que os expressam.

Eu acredito que é importante expressar nossas opiniões políticas e denunciar preconceitos. Eu só fico com um pé atrás a respeito da forma que isso é feito. Discurso de ódio só gera mais ódio e impede o diálogo.

Devíamos focar mais nas coisas que temos em comum do que em nossas diferenças. Pode ser que discordemos de uma pessoa em relação a um assunto e concordemos sobre outro. Por que só focamos no nosso desentendimento?

Nunca seremos iguais, nunca concordaremos em tudo. Só porque somos diferentes não significa que muitos de nós somos extremamente cruéis.

Tendo isso em mente, voltemos à magia do caos.

Capítulo 8: Ferramentas e Paradigmas



Quando dizemos que devemos usar a crença como ferramenta estamos sendo pragmáticos. Mas o próprio pragmatismo também é um paradigma, uma ferramenta. Em alguns momentos, podemos nos livrar dele também.

Às vezes não precisamos ser pragmáticos. Não necessariamente devemos usar algo ou fazer algo porque "serve" para alguma coisa.

A arte pode não servir para nada, mas eu posso achá-la bela, interessante, divertida.

Magia nem sempre precisa servir para alguma coisa. Eu posso fazer magia apenas para me divertir, para ter sensações, assim como posso comer um bolo por prazer ou jogar videogame para ter bons momentos.

Muita gente costuma considerar a magia com tanto respeito que não admitiria esse "sacrilégio". Vejo até mesmo caoístas criticando outros caoístas porque usam a magia "para brincar".

Não vejo qual é o problema nisso. Muitos consideram que a hora de fazer magia é só quando estamos vestidos com um robe e com uma varinha. E depois que termina o teatro, voltamos para nossa vidinha. Mas o mago pode viver a magia o tempo todo, até quando está relaxando, se divertindo e fazendo piadas.

A utilidade de pular de um paradigma para outro é exatamente aprender a viver em diferentes peles.

Se não concordamos com algum sistema de crença, podemos experimentá-lo por uma semana para ver como nos sentimos e para nos certificarmos de que ele é assim tão terrível.

Nós geralmente odiamos o que não conhecemos ou não entendemos. Quando conhecemos melhor a situação, ela ainda pode parecer bastante ruim, mas não é mais o fim do mundo.

Por isso os budistas possuem a meditação do apodrecimento dos cadáveres. Eles visualizam a si mesmos morrendo e em decomposição. Continua sendo algo difícil de vivenciar, mas quando nos aproximamos e nos acostumamos com a ideia, já nos soa como algo mais natural.



Outro aspecto divertido do caoísmo é trabalhar com magia criativa. É perfeitamente possível ser criativo em todas as linhas de magia, mas a magia do caos permite uma enorme liberdade nesse sentido.

Em "Grimório da Insolência" tratei exclusivamente sobre a questão de criação de sistemas mágicos. É possível criar um novo mundo, como um plano astral, e criaturas para habitar nele, como servidores. Eles podem te servir como auxiliares mágicos.

E qual o sentido de fazer isso, além da diversão? É criar um mundo e criaturas com sua energia e do seu jeito de fazer as coisas.

Um caoísta pode evocar os Deuses antigos de outras culturas, se quiser. Mas também pode criar os seus.

Muita gente pensa que os Deuses antigos são de certa forma mais reais do que os servidores. Esse pensamento é influência do hermetismo, que ensina serem as entidades menores emanações reais do Deus único, que irão adquirindo diferentes poderes conforme são chamados por um grande número de pessoas.

Mas também é verdade que no período moderno tiramos um pouco o foco no "nós" e colcamos os holofotes no "eu". Como em todos os paradigmas, há vantagens e desvantagens nisso. Hoje buscamos independência na magia, fazer as coisas sozinhos sem intermédio de padres, sacerdotes ou mesmo de Deuses.

Os servidores são ótimas opções nesse sentido. O caoísta pragmático e bem versado em filosofia costuma não se importar tanto com essa briga de "quem é mais real", pois não podemos ter certeza nem que nós mesmos e que o mundo material é "real". A definição de real é relativa a outra coisa que consideramos como palpável o suficiente para merecer essa definição. Como na Idade Média Deus era considerado mais real que o mundo material, não entendo porque servidores não podem ganhar esse status.

Se uma pessoa te confrontar e argumentar que Hécate é mais real que seu servidor, porque teve um maior número de adoradores, rebata dizendo que nesse caso o Deus cristão é muito

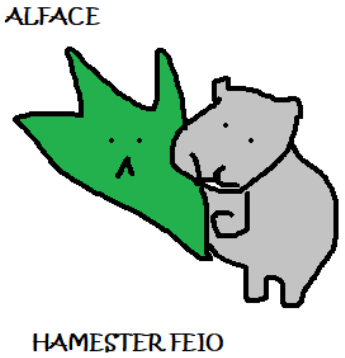
mais real e mais poderoso que Hécate, mais forte que todos os outros Deuses, tendo um número incontável de adoradores por mais de dois mil anos e antes disso por mais alguns milênios pelos judeus. É o Deus que mais tem adoradores ainda hoje.

Nesse caso, sejamos todos cristãos ou muçulmanos e feche esse livro!

Isso não é uma competição para definir quem é o mais real ou o mais poderoso. O servidor serve a um propósito. Se ele te traz diversão, alegria, paz, se te traz um resultado que você busca, ele é forte, real e útil o bastante.

Se você não acredita na existência do seu servidor, tente usar o paradigma dos espíritos em vez do paradigma psicológico ou simplesmente experimente evocar um Deus no qual você verdadeiramente acredita.

Se você é totalmente cético e não acredita em nada, o que eu posso fazer com você? Acredita no mundo material e na ciência? No amor? Na linguagem, para termos essa conversa? Enfim, se estiver numa crise existencial profunda, compre um hamster e aprenda um pouco sobre amor, alfaces e limpeza de gaiolas.



Porra cara, eu escrevi hamster errado caralho. Mas agora tô com preguiça de mudar essa merda, ahaha. E ficou parecendo um hipopótamo, mas vocês entenderam né.

Não sei mais o que falar de magia do caos para vocês hoje, pois não quero repetir o que eu disse nos meus outros livros. Sempre tem gente que está iniciando na magia do caos e lê meus livros novos, então inevitavelmente preciso repetir algumas coisas. É difícil agradar a todos.

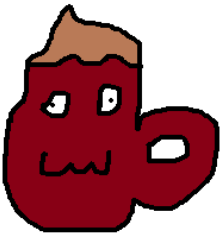
Vamos então finalizar com um feitiço.

Capítulo 9: Feitiço do Chá com Bolo



Aqui temos um bolo de chocolate e um chá de framboesa. Que tipo de feitiço será possível fazer com eles?

Vamos supor que você ande muito estressado e deseje se acalmar um pouco. Primeiro vamos construir um sigilo e um servidor para usarmos nesse feitiço.



BOLOCHA CHABOLIS

Eis nosso servidor, Bolocha Chabolis. Ele é uma fusão de bolo com chá. Basicamente é uma xícara de chocolate com cobertura.

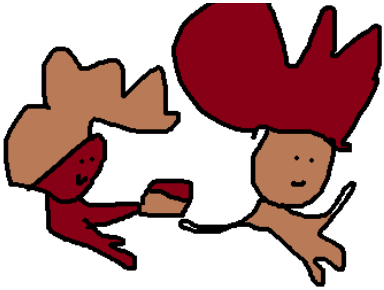
E agora vamos ao sigilo.



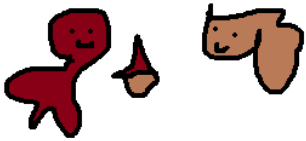
Pronto, tá aqui essa merda. E agora, o que eu faço?

Prepare um chá e um bolo. O chá eu já ensinei como preparar. Agora vou ensinar a fazer o bolo.





MOÇA DA UM BOLO
PRONTO TA AQUI O BOLO
OBIRIGADAN
PQ ELES TAO PELADOS??
O CEU EH AZUL MAS
ONTEM EU FUI POR PARQUE



EU NON TENHO DENHEIRO
POR BOLO AH MAS Q SORTE
A SUA AQE DAMO BOLIS DER
GARÇA ENTAO TAH MOÇA
CHAU EU VOTEI NO
POLITIKA CORRUPSSAAO EU
NON FUI POR PARQUE AH
JACARE EH
GZLINHAASSADA

Eu não lembro mais o que a gente ia fazer com isso. Ah sim, a gente ia fazer um feitiço.

Feitiço pra estresse né? Vamo lá!

Enquanto come o bolo e toma o chá, chame o servidor e desenhe o sigilo no guardanapo.

Quando terminar de comer, limpe a boca no guardanapo.

Prontinho!



Espero que você ensine esse ritual a todos os seus conhecidos.

Ainda não testei esse ritual, então testem por mim e me contem. Eu sugiro que primeiro vocês façam pelado e depois com roupa e me digam qual é melhor e o motivo.

Escrevi esse livro porque não tinha nada melhor para fazer esse fim de semana. O mundo não acabou ontem, então eu não tinha programações e foi nisso que deu.

Até a próxima!